

BIBLIOTHECA DE CULTURA NACIONAL
(Publicações da Academia Brasileira)

CLASSICOS BRASILEIROS

I — LITERATURA

1. Primeiras letras (Anchieta etc.)
2. Prosopopéa, de Bento Teixeira
3. Dialogos das Grandezas do Brasil (em publicação)
4. Musica do Parnaso, de Botelho de Oliveira (em publicação)
- 5-9. Obras de Gregorio de Mattos (em publicação)

I — Sacra

II — Lyrica

III — Graciosa

IV — Satyrica

V — Licenciosa

10. Obras de Eusebio de Mattos (em preparo)
11. Obras de Antonio de Sá (em preparo)

II — HISTORIA

1. Primeiros documentos (em preparo)
2. Roteiro de Pero Lopes de Souza (em preparo)
3. Hans Staden (em preparo)
4. Pero de Magalhães Gondavo (em publicação)
5. Fernão Cardim (em publicação)

Primeiras
Letras

Anchieta
Léry
Trovás
Indígenas

CLASSICOS BRASILEIROS

PRIMEIRAS LETRAS

CANTOS DE ANCHIETA
O DIALOGO DE JOÃO DE LÉRY
TROVAS INDÍGENAS

ALVARO PINTO, EDITOR
(ANNUARIO DO BRASIL)
RIO DE JANEIRO



Nestor Gomes de Figueiredo

Sao Paulo, junho de 1908.

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DE RE-
PRODUÇÃO NOS PAÍSES QUE ADHERIRAM
À CONVENÇÃO DE BERNE; BRASIL: LEI
N.º 2577 DE 17 DE JANEIRO DE 1912;
PORTUGAL: DEC. 18 DE MARÇO DE 1911.

PRIMEIRAS LETRAS

PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA

—
CLASSICOS BRASILEIROS

I — LITERATURA

—
Primeiras Letras

CANTOS DE ANCHIETA
O DIALOGO DE JOÃO DE LÉRY
TROVAS INDIGENAS

Renato Nicolai



ALVARO PINTO, EDITOR
(ANNUARIO DO BRASIL)
RIO DE JANEIRO

1923
(colofão)

5

CANTOS DE ANCHIETA

1553...

Prefácio [no Índice final]

Nasceu José de Anchieta em Teneriffe, nas Canarias, a 19 de Março de 1534, de D. João de Anchieta, natural de Guipúscoa, na Biscaia, e D. Mencia Dias de Claviko Llarena, natural da Gran Canaria. Depois das primeiras letras na terra natal foi enviado a Portugal para, na Universidade de Coimbra, continuar os estudos: aos 17 annos, em 1 de maio de 51, entrava para a Companhia de Jesus. Motivos de saude levaram seus superiores a mandá-lo viajar nos trópicos, partindo para o Brasil, com o 2.º Governador Geral D. Duarte da Costa, chegando á Bahia em 8 de julho de 53.

Começa dahi o seu apostolado. O P. Provincial Manoel da Nobrega o recebeu «com muito amor e agasalho, pela noticia que tinha de sua muita virtude e grandes partes e se

ajudou muito delle em suas santas occupações, em especial depois que soube a lingua (do paiz) e lhe servia de interprete com o gentio», diz o seu primeiro Biographo, P. Pedro Rodrigues (¹). Foi em S. Vicente, para onde foi logo mandado, que iniciou Anchieta o magisterio brasileiro ao sul do paiz, encarregado de ensinar as primeiras letras aos filhos dos reinos, tendo tambem aula de latim «o primeiro nestas partes», continua o biographo citado, pois só em seguida, na Bahia, começou a fazer o mesmo o irmão Antonio Blasques (²).

Ao tempo sabia a lingua da terra e della compunha uma arte, a primeira grammatica da lingua brasilica. «Tão de proposito, diz o Padre

(¹) *Vida do Padre José de Anchieta* pelo Padre Pedro Rodrigues, conforme a copia existente na Biblioteca Nacional de Lisboa — *Annaes de B. N. do Rio de Janeiro*, 1907 vol. XXIX, Rio 1909, p. 199.

(²) Anchieta foi precedido pelo Pe. João de Aspilcueta Navarro, que viera com o Padre Nobrega, primeiro que aprendeu a lingua indigena, nella confessava e pregava e vertia orações, canticos sacros e cantigas profanas para licita diversão: foi tambem o primeiro mestre de aula primaria na Bahia além de primeiro sertanista. (Vid. *Cartas Jesuiticas* Manoel da Nobrega — 1886.

Rodrigues, se deu a ella, á lingua indigena, além da facilidade que Deus lhe tinha comunicado para linguas, que, não somente chegou a entendê-la e falá-la, com perfeição, mas tambem a compor a arte della, em espaço brevissimo de seis mezes, segundo dahi a muitos annos elle mesmo disse...» «Esta arte, sendo pelo tempo adiante e por outros padres-lingoas examinada e aperfeiçoada, se imprimiu em Portugal, e é o instrumento principal de que se ajudam os nossos Padres e Irmãos que se ocupam na conversão da gentilidade que ha por toda a costa do Brasil...» «Trasladou mais o irmão José o cathecismo, deu principio ao vocabulario, fez a doutrina em dialogos das cousas da fé e a instrucção das perguntas para confessar e a que serve para ajudar a bem morrer e com este bom exemplo meteu fervor e emulação nos nossos para irem por diante no desejo da salvação do gentio» (³).

Anchieta tornou á Bahia para acompanhar Nobrega, em 56, mas pouco se demorou. Voltando ao sul, assistiu á fundação do Rio de Janeiro, como assistira aos primeiros tempos de S. Paulo, que surgia da Piratinin de João

(³) *Op. cit.*, pag. 199.

Ramalho e Martim Affonso. Em 69 foi nomeado reitor do Collegio de S. Vicente, por seis annos. Em 76, tendo todos os votos, ia realizar-se o de seus fieis, que seria provincial. Na sua humildade elle motejava, alludindo á corcunda que possuia «porque tinha as costas quebradas»: «Ora olhae, dizem as velhas que hei de ser provincial... que bôas costas tenho para isso» (4). Era-o em 77, e foi-o até 88, quando cedeu o posto ao Padre Marçal Belliarte. Acompanhou depois o reitor do Rio de Janeiro, Padre Fernão Cardim, e aqui depois esteve ainda doente, desconfiado da vida. Conta-se que fizera estes versos:

Vi-me agora num espelho
E comecei de dizer
Corcos, toma bom conselho,
Porque cedo has de morrer.
Mas com juntamente ver
O beiço um pouco vermelho,
Disse, fraco estás e velho,
Mas pode ser que Deus quer
Que vivas para Conselho.

(4) Da obra do Padre Rodrigues existe em Evora outro manuscrito tambem publicado pelos *Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, volume XIX, Rio 1897... É deste, p. 8, a citação.

E foi profecia, conclue o seu biographo (Op. cit. p. 252) porque da Casa do Rio indo para a do Espírito Santo veio ordem superior que não se fizesse nada sem seu conselho. Depois, feito superior do Espírito Santo, em Rerityba, a 7 de junho de 97, dava a alma a Deus, cumpridos 63 annos de sua idade, com cheiro e fama de santidade, senão ainda nos altares, ao menos na gratidão dos Brasileiros, como o representante symbolico desse apostolado jesuita, que civilizou, protegeu e defendeu enquanto pôde, até contra os mesmos Portugueses e seus descendentes, os Brasileiros, aos «primeiros brasileiros».

Anchieta além de linguista, professor, catechista, era poeta e dramaturgo. Em latim, português, castelhano e tupy ficaram restos de obras suas. Em vernaculo e em tupy não podem ser de nós esquecidas. As primeiras têm o mérito de serem as primeiras letras que possuímos escriptas no Brasil, além das cartas políticas e historicas, de outro gênero literário. Em língua indígena, elas realizaram não só primazia igual, mas ainda a outra, de serem instrumentos preciosos de educação dos nossos aborígenes. A literatura de Anchieta serviu de taboada à civilização dos primeiros brasileiros. Discuta-se,

com argumentos mais ou menos especiosos, se dahi começa a literatura brasileira; historicamente, e com uma finalidade sublime, não ha a menor duvida que as poesias e autos perdidos do Padre Navarro, os remanescentes do muito que escreveu Anchieta, são as nossas primeiras letras. Captivo voluntario dos Tamoyos, compôs uma Vida da Virgem, em verso. «Sahia-se á praia a passear, e ahi, sem livro nenhum de que se podesse ajudar, nem tinta nem papel, andava compondo a obra, valendo-se somente de sua rara habilidade e memoria extraordinaria e sobretudo favor da Senhora por cuja honra tomara aquella empresa devota. E desta maneira compôs a obra toda, e a encommendou e fechou no cofre da fiel memoria, para dahi a alguns mêsos, depois de sair de captivo, a desenrolar e escrever, como escreveu-o na nossa casa de S. Vicente: tem esta obra douz mil oito centos e seis disticos que fazem cinco mil setecentos e trinta e dois versos...»⁽⁵⁾ «Mudava cantigas profanas ao divino e fazia outras novas em honra de Deus e dos Santos, que se cantavam nas Egrejas e pelas ruas e praças, todas

mui devotas, com que a gente se edificava e movia o temor e amor de Deus»⁽⁶⁾

Os Jesuitas não só para diversão dos colonos «em terra larga e grossa» como disse o Padre Nobrega, «largados de Deus e do mundo» ia dizer o Padre Vieira, como para substitutivo das festas de bebedice e cannibalismo, do gosto dos selvagens, promoviam festas pias, que, além do ceremonial liturgico, constavam de autos e representações edificantes. As aptidões de Anchieta foram aproveitadas.

Esses autos não seriam primores literarios: seriam descabidos na bronca mentalidade dos colonos e na diminuta capacidade intellectual dos indigenas. Os autos de Gil Vicente, ou o theatro «classico» de Jorge Ferreira de Vasconcellos, dirigidos á corte, e á gente culta, foram tão fastidiosos, e algumas vezes menos compostos, como deviam ser estes improvisos de Anchieta.

Essa literatura conseguia porém o seu fim, entretinha e edificava. Para dar uma idéa do que seria, transcrevo ainda do citado biographo: «Entre outras, fez uma obra que se representou

⁽⁵⁾ *Op. cit.*, p. 208.

⁽⁶⁾ *Id.* p. 209.

em diversas partes com grande aplauso, e a primeira vez que se representou foi em S. Vicente, mostrou Deus com uma evidente maravilha como lhe contentava. E foi desta maneira, desejando o Padre Provincial Manoel da Nobrega evitar alguns abusos que com autos pouco decentes se faziam nas Egredas, encommendou ao irmão José que fizesse uma obra devota, para se representar na véspera da Circuncisão, e, como entre os portuguêses tinha alguns passos na lingua da terra, ajuntou-se a ouvi-la toda a Capitania. Senão quando, sobrevenem uma grande tempestade e sobre o theatro se põe uma nuvem negra e temerosa, que despedia de si algumas gotas bem grossas, com que a gente começou a se inquietar e despejar os logares em que estavam, o que vendo o irmão José assomou a uma janella e disse: aquietem-se todos e ninguem se vá, porque não hade chover até se acabar a obra. Tornaram-se a sentar pelo respeito que lhe tinham, fez-se a obra e a nuvem sempre em cima, muito quieta, por espaço de tres horas que a obra durou, com muita devoção e lagrimas do auditorio e acabada ella e a gente recolhida em suas casas começa tambem a nuvem a dizer o seu dito, com tal tormento de vento e agua que a todos

pôs espanto e deu nova materia de louvar a Deus e de terem a seu servo maior reputação (7)».

Citei este longo trecho, não pelo milagre, mas como evocação do tempo, da finalidade social e pia da literatura de Anchieta, e, principalmente, — para referir-me a esses autos — poemas e dramas — que duravam *tres horas* de recitação. Adiante vai um trecho de auto, que parecerá longo, e dirá da paciencia e do vazio da alma colonial, que elles assim, ás vezes, occupavam. Aliás, no interior do paiz ou ainda nas capitais apenas ha trinta annos, seriam procurados os dramalhões em cinco actos, doze quadros e não sei quantas horas, mas numerosas certamente que as exigidas pelos de Anchieta, para suas ingenuas exhibições.

Não mereceriam sequer publicidade os remanescentes dessa literatura pia, a que se não

(7) *Op. cit.*, p. 200. Seria esta, aquella obra a que se refere Ferdinand Wolf (*Le Brasil Litteraire — Histoire de la Litterature Bresiliense*, Berlin 1863 p. 7) citando Domingos Magalhães (*Ensaio sobre a historia da literatura brasileira*, in «*Nitheroy, Revista Brasiliense*» I p. 132-159, Paris 18836) um drama em verso (auto) intitulado a *Pregação Universal*, em português e tupy, representada por amadores?

negará o caracter civilizador, digno de memoria, e, ainda, no esforço evocativo, uma imagem do tempo? A arte literaria, só esthesia, acaba, com o tempo que muda, por ter interesse apenas de sciencia literaria, só esthetica, á qual neste passo cuidamos servir.

O que resta dos autos e poesias de Anchieta em vernaculo aqui publicamos, tal qual, colhidos nos manuscriptos que tivemos em mão; o que foi composto em tupy não havia vantagem de transcrevê-lo, sujeito a peiorar os erros da copia, lingua hoje sem cultores a quem podesse interessar. A traducção foi feita em 1732 pelo Padre D. João da Cunha, que, sob juramento, atesta não ter alterado em nada o que escrevera Anchieta. Pelas amostras publicadas de tres poesias, por Mello Moraes Filho, não se satisfez Baptista Caetano, o qual, exigente, chega a accusar ao traductor de impostura⁽⁸⁾. Nesse assumpto de traducção — e do tupy... é ser demasiado querer talvez outra coisa além do sentido... S. Jeronymo contentou-se em verter assim

⁽⁸⁾ Baptista Caetano de Almeida Nogueira — *Cantos do Padre Anchieta* — *Diario Official*, de 11-15 Dez. 1882, reproduzido na *Rev. Trimensal do Instituto Historico*, t. 88, 1908, Rio 1920 p. 561 etc.

o livro de Judith. Os autores pios não se atêm á letra, como os philologos.

Como quer que seja, ainda que infiel, literariamente, a traducção do Padre da Cunha, não perde para o nosso caso o unico mérito desta publicação: dar idéa concreta de tal literatura pia, que educou e divertiu os primeiros Brasileiros, as «primeiras letras brasileiras», o inicio da literatura nacional⁽⁹⁾.

A. P.

⁽⁹⁾ Servimo-nos para esta publicação, dos remanescentes literarios de Anchieta, de dois manuscriptos, dos preciosos archivos do Instituto Historico, até agora quasi de todo ineditos. Ms. 2105 e 2106, que se compõem de partes diversas, como adiante se verá, e reunem aquelles citados por Valle Cabral na sua *Bibliographia da Lingua tupi ou guarani tambem chamada lingua geral do Brazil*, Rio de Janeiro 1880, sob os numeros 201 a 207, p. 64-5, e outros mais que não constam da sua enumeração. A perda que elle deplorava dos ns. 204 a 207, que não tinha conseguido ver, parece foi momentaneo extravio, o que talvez movesse á reunião de todos os manuscriptos nos dois codices actuaes.

São elles copias do Dr. João Franklin Massena,

PRIMEIRAS LETRAS

obtida em 1863, em Roma, nos arquivos da Matriz da Companhia de Jesus. Algum se pôde ter perdido, porque o Barão de Arinos, que tambem lograra copia, communicou a Mello Moraes Filho alguma coisa, publicada em «Appendice» do seu *Curso de Literatura Brasileira* 2.^a ed. Rio, 1882: «Ressurreição»; «Cantos»; parte do recebimento do Padre Belliarte; «Carta ao Seraphico Pe. S. Francisco» *Parnaso Brasileiro*, Rio 1885, t. I; «O pelote domingueiro» que não constavam dos manuscripts alludidos. Completamos, pois, um com outros, a maior parte inedita até agora.

Ms. 2105. Poezias do veneravel Padre José Anchieta em portuguez e em tupi — Um caderno pequeno, in-8º que se compõe das seguintes partes:

N.^o 1 *Poezias do Veneravel Pe. J. Anchieta escritas em Portuguez copiados de um manuscripto authentico existente na Bibliotheca dos manuscripts da Comp.^a de Jesus em Roma* por J. Franklin Massena e Silva Roma 5 Dez. de 1863 (Contem «Ao Santissimo Sacramento»; «De S. Mauricio»; «Poesia Entrai ad altare Dei»; «S. Ursula»; «Motte e Gloza — S. Mauricio»;

N.^o 2 *Id. id.* em lingua tupy. Declara o copista no rosto deste manuscripto que as traducções são do Pe. D. João da Cunha, no anno de 1732, segundo uma declaração do mesmo padre que é contida na 1.^a pagina das poesias de Anchieta. (Contem em tupy: Cantiga (A); Cantiga por querido e alto Deus (B); Cantiga por el siu ventura (C); da Assumpção

(D); Dia da Assumpção (E); Poesia (F); Outra Poesia (G); Poesia (H); Dos mysterios do Rosario de N. Senhora (I); traducções do Pe. J. Cunha, A, B, C, D, E, F, G; H; I.

N.^o 2 (bis) *Id. id.* em lingua tupy trecho de tradução de poesia anterior.

N.^o 3 *Id. id.* em lingua tupy. Contem «Jesus na festa de S. Lourenço».

N.^o 3 (bis) «Visitação de S. Isabel», poesia castelhana, a ultima de Anchieta, de Junho de 1597, pouco antes de morrer em Reritiba, no Espírito Santo.

N.^o 4. Tradução do *Dialogo sobre a morte de S. Lourenço* (folio n.^o 3).

N.^o 5 *Anchieta. Poesias em lingua tupy* (contem: «Dança que se fez na Processão de S. Lourenço, de 12 meninos (A); Poesia (B) e as traducções do Pe. Cunha, A, B.

N.^o 6. *Anchieta: versos latinos* — contém disticos e pares de versos a varios santos.

Ms. 2106. Poezias do veneravel padre José d'Anchieta, escritas em tupi, castelhano, latim e portuguez — Um caderno grande in-4.^o que se compõe das seguintes partes:

N.^o 1. *Poezias do Veneravel Pe. José d'Anchieta escritas em lingua tupy* copia de um manuscripto authentico por José Franklin Massena (da Bibliotheca da Igreja de Jesus em Roma) — Roma, Novembro de 1863. Contem «Recebimento que fizera os Indios de Guarapirim ao Pe. Provincial Marçal Belliarte» (em portuguêz); «Falla agora aos Indios (tupi e tradução»; «na Igreja falla um diabo» (idem),

«Dança de Dez meninos» (id. id.). Nota do Copista:
 «Copia de um manuscripto authentico da Bibliotheca
 dos Jesuitas em Roma em cujo livro á pagina 1º se
 acha a fé e juramento do Pe. D. João da Cunha que
 nada adulterou da escripta de Anchieta. Reconhecida á
 ultima pagina pelo Con.º J. Rodrigues. Tudo em
 Roma no anno de 1732. J. Franklin Massena, Roma
 20 Nov. de 1183).

N.º 2 *Poeizas (lingua castelhana)* Varias.

N.º 3 *Miscellanea Poetica, em Latim, Portuguêz,
 Tupy e Hespanhol*. Contém, além de outros — ««Poesia»
 (dialogo).

N.º 4 *Poezias escriptas em lingua tupy* — Contém «Conceipção da Virgem» (sem traducção): é um soneto.

N.º 6 (falta o 5.º) *Dialogo Poetico escripto em lingua tupi*: «outro poemeto»; no fim o copista pôz a nota: «a tradução vai em outro folio separado», que não se encontra no manuscripto.

N.º 10 (faltam 7, 8, 9) — *Canções castelhanas*.

AO SANTISSIMO SACRAMENTO ⁽¹⁾

Ó que pão, ó que comida
 Ó que divino manjár
 Se nos dá no santo altar
 Cada dia:

Filho da Virgem Maria,
 Que Deus Padre cá mandou,
 E por nós na cruz passou
 Crua morte,

⁽¹⁾ Pertence tambem á versão Arinos — Mello Moraes Filho.

E para que nos conforte
Se deixou no Sacramento,
Para dar-nos com augmento
Sua graça.

Esta divina fogaça
É manjar de lutadores
Galardão de vencedores
Esforçados,

Deleite de enamorados
Que, com o gosto deste pão,
Deixam a deleitação
Transitoria.

Quem quizer haver victorias
Do falso contentamento,
Goste deste sacramento
Divinal.

Este dá vida immortal,
Este mata toda fome,
Por que nelle Deus e homem
Se contem.

É fonte de todo bem
Da qual quem bem se embebeda
Não tenha medo da queda
Do peccado.

Oh! que divino bocado
Que tem todos os sabores...
Vinde, pobres peccadores,
A comer.

Não tendes de que temer
Senão de vossos peccados;
Se forem bem confessados
Isto basta.

Que este manjar tudo gasta
Porque é fogo gastador
Que, com seu divino ardor,
Tudo abraza.

É grão ⁽¹⁾ dos filhos de casa
Com que sempre se sustentam
E virtudes acrescentam
De contínuo.

⁽¹⁾ Versão Mello Moraes — Arinos: «pão».

Todo al é desatino
Se não comer tal vianda
Com que a alma sempre anda
Satisfeita.

Este manjar aproveitta
Para vicios arrancar,
E virtudes arraigar ⁽¹⁾
Nas entranhas.

Suas graças são tamanhas
Que se não podem contar
Mas, bem sé podem gostar
De quem ama.

Sua graça se derrama
Nos devotos corações
E os enche de bençôes
Copiosas.

Oh que entranhas piedosas
De vosso divino amor!
Oh meu Deus e meu Senhor
Humanado!

(1) Versão Mello-Moraes-Arinos: «arranjar».

Quem vos fez tão namorado
De quem tanto vos offende?
Quem vos ata, quem vos prende
Com taes nós?

Por caber dentro de nós
Vos fazeis tão pequenino
Sem o vosso ser divino
Se mudar.

Para vosso amor plantar
Dentro em nosso coração,
Achastes tal invenção
De manjar.

Em o qual nosso padár
Acha gostos diferentes
Debaixo dos accidentes
Escondidos.

Uns são todos incendidos
Do fogo de vosso amor;
Outros cheios de temor
Filial.

Outros, com o celestial
Lume deste sacramento,
Alcançam conhecimento
De quem são.

Outros sentem compaixão
De seu Deus que tantas dores
Por nos dar estes sabores
Quis soffrer.

E desejam de morrer
Por amor de seu Amado
Vivendo sem ter cuidado
Desta vida.

Quem viu nunca tal comida
Que é o sumo de todo bem
Ai de nós que nos detem
Que buscamos!

Como não nos enfrascamos
No deleite deste Pão
Com que o nosso coração
Tem fartura?!

Se buscarmos formosura
Nelle está toda metida;
Se queremos achar vida
Esta é.

Aqui se refina a fé
Pois debaixo do que vemos,
Estar Deus e home cremos
Sem mudança.

Acrescenta-se esperança
Pois na terra nós é dado
Quanto nos ceus guardado
Nos está.

A claridade que lá
Ha de ser aperfeiçoada
Deste pão é confirmada
Em pureza.

Delle nasce a fortaleza
Elle dá perseverança
Pão da bem-aventurança,
Pão de gloria,

Deixado para memoria
Da morte do Redemptor,
Testemunho de seu amor
Verdadeiro.

Oh! mansissimo cordeiro,
Oh! menino de Belem,
Oh Jesus, todo meu Bem,
Meu Amor!

Meu Esposo, meu Senhor
Meu Amigo, meu Irmão,
Centro do meu coração,
Deus, e Pai!

Pois com entranas de mãi
Quereis de mim ser comido?
Roubai todo meu sentido,
Para vós.

Com o sangue que derramastes,
Com a vida que perdestes,
Com a morte que quisestes
Padecer,

Morra eu, por que viver
Vós possais dentro de mim
Ganhai-me, pois, que perdi,
Em amar-me.

Pois que para encorporar-me
E mudar-me em vós de todo
Com um tão divino modo
Me mudais.

Quando na minhalma entraes
E delle fazeis sacrario,
De vós mesmo é relicario
Que vos guarda.

Em quanto a presença tarda
De vosso divino rosto
O saboroso, e doce gosto
Deste pão,

Seja minha refeição,
E todo o meu appetite,
Seja gracioso convite
De minha alma.

PRIMEIRAS LETRAS

Ar fresco de minha calma,
Fogo de minha frieza
Fonte viva de limpeza,
Doce beijo,

Mitigador do desejo,
Com que a vós suspiro e gemo,
Esperança do que temo
De perder,

Pois não vivo sem comer
Como a vós, em vós vivendo
Viva a voz ⁽¹⁾ a vós comendo
Doce amor.

Comendo de tal penhor
Nelle tenha a minha parte
E depois de vós me farte
Com vos ver.

Amen.

(1) Versão Mello Moraes-Arinos: «vive em vós».

CARTA DA COMPANHIA DE JESUS AO
SERAPHICO S. FRANCISCO ⁽¹⁾

Depois de tudo creado
Por conta, peso e medida
Disse Deus: — Seja formado
O homem, como traslado
De nossa imagem subida.

E creou
A Adão, a quem dotou
Da semelhança divina;
Mas foi tal sua mofina,
Que mui depressa manchou
Aquella imagem tão dina.

(1) Pertence apenas á versão Arinos-Mello Moraes.

Mas Christo, Deus humanado,
 Glorioso São Francisco,
 Para limpar o traslado,
 Que Adão tinha manchado,
 Pondo o mundo em tanto risco,
 Quís pintar
 E consigo confirmar
 A voz de dentro e de fóra,
 Com graça tão regular,
 Que vos podemos chamar
 Homem novo, em que Deus mora.

Ó famoso patriarcha,
 Ó illustre capitão,
 Da segunda religião,
 Dentro da qual, como na arca,
 Se salva o povo christão.
 Vós sois aquelle varão
 Cheio de justiça e fé
 E de toda a perfeição
 Figurado com razão
 No justo e santo Noé.

Noé fez a grande arca
 Em que o homem racional,

Junto com o bruto animal
 Escapassem, como em barca
 Do diluvio universal.
 Vós, por ordem divinal
 Na religião que fizestes,
 A bons e maus recebestes,
 E livres d'agua mortal
 A Deus vivo os off'recestes.

Vós sois o grande Varão
 Que de Deus fostes achado,
 Segundo o seu coração;
 E no pai de Salomão
 Altamente figurado,
 O qual como desprezado,
 Por ser o filho menor,
 Sendo de ovelhas pastor,
 Apascentara seu gado
 Com grão cuidado e amor.

David, com grande vigor
 Um leão tão carniceiro
 E um yosso roubador,
 Qual gigante espantador
 Matou com ser ovelheiro

Este tal por derradeiro,
Deus o fez rei de Israel,
Salvando o povo fiel
Por este grão cavalleiro
De toda a gente cruel.

Vós vos tendes por menor,
Tendo a todos por maiores,
E maior dos peccadores;
Tendo-vos Deus por maior
De todos seus servidores,
Fez-vos pastor dos menores:
Uns dos quaes foram cordeiros,
Mas mui fortes cavalleiros,
Outros, do gado pastores
E guias, como carneiros.

Concedeu-vos tal poder,
Que leão, urso e gigante.
Matareis forte e constante,
Mundo, Carne e Lucifer
Destruindo mui possante.
Com tal capitão gigante
Augmentou-se fé e lei
Da Egreja militante,

E vós já na triumphante
Sois coroado, sois rei!

Trepando sem nenhum medo
O principe Jonathas
Com seu criado detraz
Por um aspero penedo,
Alcançou victoria e paz,
Commettendo
O exercito tremendo
Dos imigos de repente,
E com animo valente
Suas forças defendendo
Salvou toda sua gente.

DA RESURREIÇÃO ⁽¹⁾

Ó Mâi sempre virgem, ó virgem fecunda,
De nossos prazeres cansamos, ó Ave!
Com que quiz fechar-se no vosso conclave
O Verbo, do Padre pessoa segunda.

De novo, Senhora, recebe noss'alma
Ó Ave sagrada de eterna harmonia!
Pois o que foi morto, com grande alegria,
A morte vencendo, resurge com palma.

As chagas cruentas das mãos delicadas
Vem mais rubicundas que todas as rosas,

(1) Pertence apenas á versão Arinos-Mello Moreira.

Para que por ellas se tornem formosas
As almas que foram da culpa afeiadas.

O peito sagrado com lança rompido,
Que para voss'alma foi bravo cutello,
Com raios de gloria resurge tão bello
Que tem vossas dores de todo vencido.

O Madre de vida, pois tendes tal dia,
Fazei-nos dar vida, que mortos jazemos,
E livres da morte, com Jesus tornemos
Á vida da graça com toda a alegria.

Quando o Imperador da terra
A seus deoses quís honrar,
Obrigou a sacrificar
Os soldados que na guerra
Com elle haviam de entrar.

DE S. MAURICIO (1)

Oh Mauricio capitão
Cuja gloriosa fama
Resplandece como a flamma
Que lume sem dilação
Por todas partes derrama.

Vossa vida e morte clama
Nossas almas despertando
Para que vivam honrando
A Deus que tanto nos ama
Sua santa lei guardando.

(1) Inedito: versão Massena.

Mas vós, para gloria dar
A Deos todo poderoso,
Vosso esquadrão mimoso
Fizestes logo apartar
De trato tão pernicioso.

Se quiseras honra ter,
Muita, o mundo promettia.
Mas a vossa fidalguia
Só daquelle eterno ser
Do summo Deus dependia.

Por isso, com alegria
O vão mundo desprezastes
Com o que nos ensinastes
Fazer delle zombaria,
Como vós delle zombastes.

Vossos seis mil e seiscentos
E sessenta e seis soldados,
Por vós foram animados
Para serem com tormentos
Com a morte coroados.

Para serem degollados
Cada um queria ser
O primeiro, sem temer
Os cutellos aguçados,
Com furia de Lucifér.

Oh valoroso esquadrão!
Oh gente victoriosa!
Oh victoria gloriosa!
Oh fortissima legião!
Oh companhia generosa!

Vossa morte preciosa
É honra do gran Jesus
E daquelle villa vossa
Defensão mui poderosa
E espanto de Belzebú.

Vossa vida, S. Mauricio,
E dos vossos que perdestes,
Quando pela fé morrestes,
Foi um vivo sacrificio
Com que a Deus engrandecestes.

Com taes mortes merecestes
Triumphos mui gloriosos
E que vossos fortes ossos
Que defender não quisestes
Sejam defensores nossos.

Oh divinos baluartes
Que nunca fostes rendidos
Posto que mui combatidos
Com muitas forças e artes
Mortos, mas nunca vencidos,

Pedimos ser recebidos
Com amor dentro de vós,
Porque o inimigo feroz,
De quem somos perseguidos,
Seja vencido de nós.

O peccado nos dá guerra
 Em todo o tempo e lugar;
 E pois quisestes morrer
 Nesta nossa pobre terra,
 Ajudai-a sem cessar.

Porque, cessando o peccar,
 Cessarão muitos revezes
 Com que os hereges Francezes
 Nos poderão apertar,
 E lutheranos Inglezes.

Martyres mui esforçados
 Pois sois nossa deffensão,
 Deffendei com vossa mão
 Vossos filhos e soldados
 Que idos são ao Sertão.

Pois vão com bôa intenção
 A buscar gente perdida
 Que possa ser convertida
 A Jesus de coração
 E ganhar eterna vida.

Procurai-nos a saude
 Com que a Deus servir possamos
 E no coração tenhamos
 O puro amor da virtude
 E sem peccado vivamos.

Das novidades sejamos
 Providos sem carestia
 E vossa capitania
 Livre do que receamos
 Vos honre com alegria.

Que fizestes em Deus crer,
Não ha agora assim de ser.
Se, então, de mim triumphastes ⁽¹⁾,
Hoje vos hei de vencer.

S. URSULA ⁽¹⁾

DIABO

Temos embargos, donzella,
A serdes deste logar!
Não me quereis ⁽²⁾ agravar
Que com a espada e rodella
Vos hei de fazer voltar
Se lá na Batalha do mar
Me pisastes ⁽³⁾,
Que ⁽⁴⁾ as Onze Mil ajuntastes,

Não tentes contradição
Em toda a Capitania.
Antes ella, sem porfia,
Debaixo de minha mão,
Se rendeu com alegria.
Cuido que errastes havia ⁽²⁾
E o sol tomastes mal.
Tornai-vos á Portugal,
Que não tendes sol nem dia
Senão a noite infernal
De peccados,
Em que os homens ensopados
Aborrecem sempre a luz.
Se lhe fallardes na Cruz
Dar-vos-hão, mui agastados.

Aqui dispara um arcabuz

(1) Pertence tambem á versão Arinos-Mello Moraes.

(2) Versão Mello Moraes-Arinos: «quiraes».

(3) Id.: «pegastes».

(4) Id. «é que».

(1) Id. «triumphantes».

(2) Errado haveis? Versão Mello Moraes-Arinos: «a via».

ANJO

Ó peçonhento Dragão,
E pai de toda a mentira,
Que procura perdição
Com mui furiosa ira,
Contra a humana geração.
Funesta povoação
Não tens mando nem poder
Pois todos pertendem ser
De todos o seu coração
Inimigos de Lucifér.

DIABO

Oh que valentes soldados!
Agora me quero rir:
Mal me podem resistir
Os que fracos, com os peccados,
Não fazem senão cair.

ANJO

Se caem, logo se levantam,
E outros ficam de pé.
Os que, com armas da fé,

Te resistem e te ⁽¹⁾ espantam
Porque Deus com elles é,
E com excessivo amor
Lhes manda, e nas esposas,
Onze Mil Virgens formosas,
Cujo continuo favor
Dará palmas gloriosas.
E para dar maior pena
A tua soberba inchada,
Quer que seja derribada
Por uma mulher pequena.

DIABO

Oh que cruel estocada
Me tirastes
Quando a mulher nomeastes!
Porque mulher me matou,
Mulher meu poder tirou,
E dando commigo ao traste
A cabeça me quebrou.

ANJO

Pois agora essa mulher
Traz consigo estas mulheres

⁽¹⁾ Id. «se» «se».

Que nesta terra hão de ver,
As que alcançam-lhe o poder
Para vencer teus poderes.

DIABO

Ai de mim desventurado,
Acolhe-te Satanaz.

ANJO

Oh traidor, aqui já serás
Dos pés e mãos amarrado,
Pois que perturbas a paz
Deste povo sossegado.

DIABO

O Anjo deixa-me já
Que tremo desta Senhora.

ANJO

Com tanto que te vás fóra
E nunca mais tornes cá.

DIABO

Ora seja na má hora

Indo-se, diz ao Povo:

Ou deixai-vos descansar
Sobre esta minha promessa
Eu darei volta depressa,
A vossas casas cercar,
E quebrar-vos a cabeça.

VILLA (1)

MOTTE

Mais rica me vejo agora
Que nunca dantes me vi
Pois que ter-vos mereci,
Virgem martir, por Senhora,

GLOZA

O Senhor Omnipotente
Me fez grande beneficio
Dando-me aquella excellente
Legião de esforçada gente

(1) Este titulo sómente na versão Arinos-Mello
Moraes.

Do grande martir Mauricio.
Neste dia,
Se dobra minha alegria
Com vossa vinda, Senhora,
E pois a Capitania
Hoje tem maior valia
Mais rica me vejo agora.

Com perpetua memoria
De vossa mui santa vida
E de morte esclarecida
Com que alcançastes victoria
Morrendo sem ser vencida,
Serei mais favorecida
Pois vindes morar em mim
Porque tendes vós aqui
Fico mais enriquecida
Que nunca dantes me vi.

Da Senhora da Victoria,
Victoria sou nomeada,
E pois sou de vós amada
De Onze Mil Virgens na gloria,
Espero ser coroada
Por vós sou levantada

Mais do que nunca subi,
Para que subindo assi
Não seja mais derrubada ⁽¹⁾
Pois que ter-vos mereci.

Meus filhos ficam honrados
Em vos terem por Princeza,
Porque de sua baixeza
Por vós serão levantados
A ver a divina alteza.

Tudo temos
Pois que tendo a vós, teremos
A Deos, que convosco mora,
E logo desde esta hora
Todos vos reconhecemos,
Virgem e martir, por Senhora.

Um Companheiro de S. Mauricio vem a caminho da Virgem e diz:

Toda esta Capitania,
Virgem martyr gloriosa,
Está cheia de alegria,

⁽¹⁾ Estes tres ultimos versos não constam da versão Mello Moraes-Arinos.

Pois recebe neste dia
Sua māi tão piedosa.
Nós somos seus padroeiros
Com toda nossa legião
Dos thebanos cavalheiros,
Soldados e Companheiros
De Mauricio Capitão.
Elle espera aqui por vós
E tem prestes a pousada
Para com vossa morada
Serdes como somos nós
Deste lugar advogada.

URSULA

Para isso sou mandada
E com vossa companhia
Daremos mui grossa armada
Com que seja bem guardada
A nossa Capitania.

S. Mauricio fala com S. Vidal ao entrar na Igreja.

S. MAURICIO

Não bastam forças humanas
Não digo para louvar

Mas nem para bem cuidar
 As mercês tão soberanas
 Que com amor singular,
 Deus eterno,
 Abrindo o peito paterno,
 Faz a todo este lugar
 Para que possa escapar
 Do bravo fogo do inferno
 E salvação alcançar.
 Ditosa Capitania
 Que o summo Pai e Senhor
 Abraça com tanto amor,
 Augmentando cada dia
 E nas graças, e favor.

S. VIDAL

Ditosa por certo é
 Se não foi desconhecida,
 Ordenando bem na vida
 De modo que ajunte a fé
 Com caridade incendida
 Porque as mercês divinas
 Então são agradecidas
 Quando os corações leaes
 Ordenam bem suas vidas
 Conforme as leis celestiaes.

S. MAURICIO

Bem dizeis, Irmão Vidal,
 E por isso os sabedores
 Dizem que obras são amores
 Com que seu peito leal
 Mostram os bons amadores.

S. VIDAL

E destes, quantos cuidais
 Que se acham nesta terra?!

S. MAURICIO

Muitos ha, se bem olhais
 Que contra os vicios mortais
 Andam em perpetua guerra
 E, guardando com cuidado
 A lei do seu Creador,
 Mostram bem fino amor
 Que tem no peito encerrado
 De Jesus, seu salvador.

S. VIDAL

Estes tais sempre terão
 Lembrança do beneficio

De terem por seu patrão
Com toda nossa legião
A vós, Capitão Mauricio.

S. MAURICIO

Assim me tem
E por isso o Summo Bem
Lhes manda aquellas Senhoras
Onze mil Virgem, que vêm,
Para comnosco tambem
Serem suas guardadoras

S. VIDAL

Tão gloriosas donzelas
Merecem ser honradas.

S. MAURICIO

E comnosco agasalhadas,
Pois que são virgens tão bellas
De martirios coroadas.

Recebendo a Virgem diz S. Mauricio:

Ursula, quando princeza
Do summo Deus mui amada,
Bôa seja a vossa entrada,
Grande Pastora e cabeça
De tão formosa manada.

S. URSULA

Salve, grande Capitão,
Mauricio, de Deus querido,
Este povo é defendido
Por vós e por vossa legião,
E nosso Deus mui servido;
Sou delle agora mandada
A ser vossa Companheira.

S. MAURICIO

Defensora e padroeira
Desta gente tão honrada
Que segue nossa bandeira.
Nós delles somos honrados,

Elles guardados de nós,
Porque não sejamos sós
Serão agora ajudados
Comnosco tambem de vós.

S. URSULA

Si os nossos Portugueses
Nos quisessem sempre honrar
Sentiram poucos revezes
De Ingleses e Francêses,
E seguros podem estar.

S. VIDAL

Quem levantará pendão
Contra seis mil cavalheiros
De nossa forte legião
E contra o grande esquadrão
De vossos onze milheiros?

S. URSULA

Os tres Inimigos d'alma
Comecem a desmaiar

E pois tem este logar
Nome Victoria e palma
Sempre deve triumphar.

S. VIDAL

Se quereis
Aqui ficar, podereis
Nem tendes melhor lugar
Que aquelle santo altar
No qual conosco sereis
Venerada sem cessar.

S. URSULA

Seja assim
Recolhamo-nos ahi
Com nosso Senhor Jesus
Por cujo amor padeci,
Abraçada com a Cruz,
Com que elle morreu por mim.

Levando-a ao Altar lhe cantam:

Enrai ad altare Dei
Virgem martir mui formosa

PRIMEIRAS LETRAS

Pois que sois tão digna Esposa
De Jesus, que é Summo Rei.

Naquelle lugar estreito
Caberás bem com Jesus
Pois elle com sua cruz
Vos coube dentro do peito.
Ó Virgem de Gran respeito
Enrai ad altare Dei
Pois que sois tam digna
De Deus que é summo Rei.

FINIS.

POESIA (¹)

Enrai ad altare Dei
Virgem martir mui formosa
Porque sois tão digna Esposa
De Jesus que é summo Rei.

Debaixo do Sacramento,
Em forma de pão de trigo,
Vos espera, como amigo,
Com grande contentamento,
Alli tendes vosso assento.

Enrai, etc.

(¹) Variante talvez do final do poemeto antecedente: apenas versão Massena.

PRIMEIRAS LETRAS

Naquelle lugar estreito
Cabereis bem com Jesus,
Pois elle com sua cruz
Vos coube dentro do peito
Oh Virgem de grān respeito.

Enrai, etc.

CANTOS (1)

(Apparecem quatro indios com uma tumba
para levarem a cabeça de S. Mauricio).

Ó cabeça esmaltada
Com ouro e fortaleza
Com o sangue adornada,
E de martyrio coroada,
Linda mais do que a lindeza!

Martyres celestiae
Ide-vos á sepultura,
Que não vos será escura;
Pois com vosso rei reinaes
E em gloria, paz e doçura

(1) Pertence apenas á versão Arinos-Mello Moraes.

PRIMEIRAS LETRAS

Oh! quão doces são agora
Os trabalhos padecidos
Por Christo! e quão erguidos
São aquelles que outr'ora
Padeciam os vencidos!

Este é, irmãos amados,
O fim em que vão parar
Aquellos que, por guardar,
De nosso rei os mandados,
Se deixam martyrizar.

POESIA (1)

(*A chegada do Padre Visitador Bartholomeu Simões Pereira* ²).

1 Para que queres andar
Periquito tangedor?
Onde vais tam apressado
Periquito tangedor?

2 A ver nosso bom Pastor.

1 Para que queres andar
E correr com tanta pressa?

(1) Pertence tambem á versão Arinos-Mello Moraes.

(2) Indicação da versão Arinos-Mello Moraes.

PRIMEIRAS LETRAS

2 Para ver vossa Cabeça
Que nos vem a visitar.
Digno é de festejar
Com cantares de louvor
Este nosso bom pastor.

1 E tu sabes quem nos deu
Este Pastor excellente?

2 O Pastor Omnipotente
Que por seu gado morreu.
Chama-se Bartholomeu
Grande servo do Senhor
Este nosso bom pastor.

1 E que sobre nome tem?

2 Ouvi dizer que Simões

1 Ganharemos mil perdões,
Pois em nome de Deus vem

2 Não desconfie ninguem
Do soberano favor
Pois que temos tal pastor

1 Tens ouvido outro nome ⁽¹⁾,
Outro nome e appellido?
Que tem la na derradeira? ⁽²⁾

2 Imagino que Pereira
Que dá fructo mui subido.
Com exemplo conhecido
De doutrina e bom odor
Para o gado do Senhor.

1 Dize tu, qual é o gado
Que elle vem apacentar?

2 O povo deste logar.

1 E será ⁽³⁾ bem confirmado
Na fé de Nosso Senhor
Pela mão deste pastor!
O que traz para nos dar?

⁽¹⁾ Estas duas ultimas palavras que completam o verso são da versão Arinos-Mello Moraes.

⁽²⁾ Este verso é da versão Arinos-Mello Moraes.

⁽³⁾ Versão Arinos-Mello-Moraes: «que».

2 Um oleo sagrado e bento
Que se chama Sacramento
Com que nos hade Chrismar
Para podermos pelejar
Contra Satanaz traidor
Com ajuda do Pastor.

1 E quem ⁽¹⁾ pôde confirmar
Se não é ⁽²⁾ Bispo Sagrado?

2 Tambem o nosso Prelado
Pois o Papa lhe ⁽³⁾ quer dar
E por isso quis chamar
Outro Bispo com louvor
O nosso administrador.

1 Segundo isto, parece,
Que a mitra só lhe falta?

2 Isso é cousa mui alta
Mas elle bem o merece.

⁽¹⁾ Versão Arinos-Mello Moraes: «e que!»

⁽²⁾ *Id.*: «ha».

⁽³⁾ *Id.* «lh'o».

1 E se agora Deus quiser ⁽¹⁾
Que viesse tal honor
Para o nosso bom Pastor?

2 Vamos lhe beijar a mão.

1 Sou contente.
Dar-nos-ha sua Benção
Santamente.

2 Diremos a nossa gente
Que venham a dar louvor
A nosso Bom Pastor.
Vos mando pôr Benção
Senhor administrador.
Que façais com gran fervor,
Que se aumente a conversão,
Para gloria do Senhor.

⁽⁴⁾ *Id.*: «Essa honra Deus quizesse».

POESIA (1)

CHRISMA

1

Muito ha que desejamos
Vossa vinda, bom Pastor,
Para que Nosso Senhor
Nos conceda o que esperamos

Esperamos de alcançar
A confirmação de graça
A qual a todos nos faça,
Até o fim, perseverar.

(1) Inedito: versão Massena.

2

Perseverar não podemos
Se Deus abre de nós mão,
Mas, com a confirmação,
Que trazeis, fortes seremos.

Seremos mui confirmados
Com este segundo unguento
E divino Sacramento
Com que seremos chrismados.

3.º

Chrismados receberemos
A graça com fortaleza
Para cobrir a limpeza
Que, pela culpa, perdemos.

Perdemos a caridade
Quando amamos o peccado,
Mas, pois somos vosso gado
Curai nossa enfermidade.

4.º

Enfermidade mortal
É a culpa, mas por vós
Seremos curados nós
Como Chrisma divinal.

Divinalmente escolhido
Fostes para nos chrismar
Para Deus nos acceitar
Por seu gado mui querido.

5.º

Querido sejais Pastor
Do Pastor que, de seu gado,
Vos faz Pastor e Prelado
E grande administrador.

Administrador sómente
Sois agora, mas sejais
Bispo Santo que rezais
Vosso gado santamente.

(Nota do manuscrito: Esta poesia parece que diz respeito a uma outra precedente sobre o Chrisma; todavia no manuscrito a achei separadamente Roma 18863, 9 de Dez. copia de Franklin Massena).

POESIA (1)

Soberano principal
Ponde em nós os vossos olhos
Que tambem somos parentes
E hoje nos festejamos
Tende-nos da vossa mão?

O Brasil que sem justiça
Andava mui cégo e torto
Vós o metereis no porto
Se lançar de si a cobiça
Que de vivo o torna morto.

(1) Inedito: versão Massena. O original em tupy:
a traducçao é do Pe. D. João da Cunha.

O PELOTE DOMINGUEIRO ⁽¹⁾

I

*Já furtaram ao moleiro
O pelote domingueiro*

Se lhe furtaram ou não
Bem nos pesa a nós com isso,
Perdeu-se com muito viço
O pobre moleiro Adão.
Lucifér, um mau ladrão,
Lhe roubou todo o dinheiro
Co' o pelote domingueiro.

⁽¹⁾ Pertence apenas á versão Arinos-Mello Moraes F.

Sem ter delle compaixão
Lhe furtaram o pelote,
Dês que o víram sem capote
Não curaram delle, não.
Chora agora com razão
O coitado do moleiro
Seu pelote domingueiro.

Lhe deram elle de graça
Porque Graça se chamava,
E com elle passeava
Mui galante pela praça;
Mas furtaram-lhe a ramaça
Ao pobre do moleiro
O pelote domingueiro.

Era homem mui honrado
Quando logo lhe vestiram,
Mas depois que lh'o despiram
Ficou vil e desprezado.
Oh que seda! oh que brocado!
Perdeste, pobre moleiro,
O pelote domingueiro.

Se quizeres, moço, trigo
Do divino mandamento,
Dentro do teu entendimento
Não passarás tal perigo.
Pois quiseste ser amigo
Do ladrão, tão sorrateiro,
— Andarás sem domingueiro.

Mui formoso trigo tinha,
Que era a humana natureza,
Mas moeu-o tão depressa
Que fez muito má farinha.
E por isso tão asinha
Apanharam do moleiro
O pelote domingueiro.

Era uma peça, a mais fina
De todas quantas tivera,
Se elle bem a defendera
Não julgaram de rapina.
— A cobra ladra e malina
Com inveja do moleiro,
Apanhou-lhe o domingueiro.

Tinha um monte de botões
Em o quarto dianteiro,
Que lhe deram sem dinheiro,
Que são os divinos dons.
Por menos de douz tostões
Foi o parvo do moleiro
A vender tal domingueiro.

Era feito de tal sorte
Que toda a casa vestia,
Em nenhum modo podia
Furtar-se senão por morte.
Foi morrer em hora forte,
Pecando o pobre moleiro,
E ficou sem domingueiro.

Os pobretes cachopinhos
Ficaram mortos de frio,
Quando o pae, com desvario,
Deu na lama, de focinhos.
Cercou todos os caminhos
O ladrão, com seu bicheiro,
Escapou-lhe o domingueiro.

Elle muito namorado
De soberba e inchação,
Cuidou ter melhor gabão
E ser tido por letrado;
Mas achou-se salteado
O mofino do moleiro.
Sem pelote domingueiro.

Pareceu-lhe mui galante
A cachopa embonecada,
E que em ser sua namorada,
Seria á Deus semelhante:
Seu pai se lhe poz diante,
E sem dote, e sem dinheiro,
Lhe rapou seu domingueiro.

A mulher que lhe foi dada
Cuidando furtar maquias,
Com debates e porfias
Foi de graça moquiada.
Ella núa e esbulhada
Fez furtar ao tal moleiro
O seu rico domingueiro.

Todo bebado de vinhos
Da soberba que tomou,
O moleiro derrubou
No limiar do moinho:
Aaudio-o seu visinho,
Satanaz muito matreiro,
E rapou-lhe o domingueiro.

Parvo, porque te perdias
Por tão feia regateira?
Cuidavas que era moleira,
Que furtava bem maquias?
Não houveste o que querias,
Com ficar por derradeiro
Sem teu rico domingueiro?

Sua falsa gentileza.
Convidava-te a subir,
Tu quizeste consentir
E trepar muito depressa.
Deram-te pela cabeça
Com um trocho de salgueiro
E perdeste o domingueiro.

Quanto mais para ella olhavas
 Parecia-te melhor,
 Perdido por seu amor
 De ninguem te precatavas:
 À porta por onde entravas
 Te esperou seu companheiro
 Que rapou teu domingueiro

Ella soube-se ajudar
 Da mulher tua parceira
 E fez della alcoviteira
 Para em breve te enganar;
 Tu sem mais considerar
 Lhe creste, parvo moleiro,
 E perdeste o domingueiro.

Negros foram teus amores
 Pois tão negro te deixaram;
 E o pelote te levaram
 Sem te dar nenhuns penhores,
 Senão fadigas e dores
 Que terás, triste moleiro
 Pois perdeste o domingueiro.

O pelote foi-lhe dado
 Para o domingo sómente,
 Com que vivesse contente,
 Sem fadiga e sem cuidado:
 Agora mui trabalhado
 Geme o triste do moleiro
 Sem pelote domingueiro.

Com o pelote lhe faltar
 Cessaram todas as festas
 Foi contado com as bestas
 Para sempre trabalhar:
 Se isto bem quisera olhar
 O coitado do moleiro,
 Não perdera o domingueiro.

Elle como se viu tal
 Escondeu-se de seu amo,
 Encobrindo-se com ramo
 Debaixo de um figueiral;
 Porque o dragão infernal
 Nos ramos dum macieiro
 Lhe rapou seu domingueiro.

Seu amo foi espancá-lo
 Com a raiva que houve delle;
 E coberto com uma pelle
 Para de casa lançá-lo,
 Não quiz de todo matá-lo,
 Esperando que o moleiro
 Cobraria o domingueiro.

II

*Já tornaram ao moleiro
 O pelote domingueiro.*

O diabo lhe furtou
 O pelote por enganos,
 Mas despois de muitos annos
 Um seu neto lhe tornou.
 Por isso, carne tomou,
 De uma filha do moleiro,
 Por pelote domingueiro.

Por querer ser mais sabido
 Não fez conta do pelote,
 O seu neto sem capote
 Jaz nas palhas encolhido:
 Para ser restituído
 Ao pobre do moleiro
 O pelote domingueiro.

Quiz vestido apparecer
 Em pelote de semana,
 Porque vem com carne humana
 A trabalhos padecer,
 E no ferro se envolver,
 Para tornar ao moleiro
 O pelote domingueiro.

Elle por se desmandar
 Do pelote foi roubado,
 O neto por bem mandaldo
 Vem o furto restaurar.
 Ha de se circuncidar
 Por seu neto do moleiro
 Por tornar-lhe o domingueiro.

Ditoso foste em achar
 Pobre moleiro, tal filha,
 Que com nova maravilha
 Tal neto te foi gerar.
 Que de panno de tear
 De tua filha, moleiro,
 Te tornou teu domingueiro.

Oh que bôa tecedeira
 Que tão fino panno urdia,
 Com que a culpa se cobrir
 Do moleiro e da moleira...
 Com ficar a teã inteira.
 Sem que ao pobre do moleiro
 Se tornasse o domingueiro!...

Esta soube bem moer
 O trigo celestial,
 Em seu peito virginal
 Ao tempo de conceber,
 Escolhendo escrava ser,
 Porque ao soberbo moleiro
 Se tornasse o domingueiro.

Para o layo ser perdido
 A mulher foi medianeira,
 Mulher foi tambem terceira
 Para ser restituído.
 Fica agora ennobrecido
 O ditoso do moleiro
 Com seu rico domingueiro.

De graça lhe foi tornado,
 Mas custou muito dinheiro
 Ao neto que foi terceiro
 Para ser desamparado;
 Foi mui caro resgatado,
 Ditoso de ti moleiro,
 Teu pelote domingueiro.

Trinta e tres annos andou
 Sem temer nenhum perigo
 Se moendo como trigo
 Até que o desamparou;
 Com seu sangue resgatou
 Para o pobre do moleiro
 O pelote domingueiro.

Lhe vai elle débruado
 Como sedas de muitas cores,
 Que são os golpes e dores
 Com que afora foi comprado...
 Fica muito mais honrado.
 Que dantes, o atafoneiro,
 Com tão fino domingueiro.

Se tinha muitos botões
 O layo, na dianteira,
 Tem agora, na trazeira,
 Mais de cinco mil cordões:
 Os açoites e vergões
 Com que agora foi comprado...
 Fez tornar o domingueiro.

Traz cinco botões sómente
 Mais formosos que os primeiros
 Que são os cinco agulheiros
 Que fez a maldita gente
 Em o corpo do innocent,
 Para tornar ao moleiro
 Tão galante domingueiro.

Moleiro bem descançado,
 Que tal fortuna investe!
 Pois o layo que perdeste
 De graça te foi tornado;
 Se não fora o enforcado
 Poderas, dizer, moleiro,
 Fogo! viste, domingueiro?

Nem te bastará poupar
 As maquias do moinho,
 Nem deixar de beber vinho,
 Nem seis mezes passear,
 Para poder ajuntar
 Tanta somma de dinheiro
 Que comprasses domingueiro.

Nem bastaram petições
 E que foram bem compostas,
 Em que leváras ás costas
 Muitos casos de afflictões:
 Só as dores e orações
 Deste teu neto, moleiro,
 Ganharam o domingueiro.

A elle foi concedido,
E por isso nú nasceu;
E despois, quando cresceu,
Foi de purpura vestido,
E na cruz todo moido
Por que tu, pobre moleiro,
Cobrasses meu domingueiro.

Só agora podes sair
Com pelote damascado,
De alto abaiixo pespontado,
Que a todos pôde cobrir;
Já pôdes bailar e rir,
E dar voltas em terreiro
Com tão fresco domingueiro.

Bem podes sempre traze-lo
Em domingo e dia santo,
E em semana, sem quebranto,
Que te hajam de dar por ella.
Bem ungido com ourella
De justiça, bom moleiro,
Guardarás meu domingueiro.

As moças já podem ter
Amores de seu pelote,
E vestir-se do chicote,
Se formosas querem ser!
Já podem todos dizer:
— Viva o neto do moleiro
Que nos deu tal domingueiro!

Viva o segundo Adão,
Que Jesus por nome tem!
Viva Jesus nosso bem,
Jesus, nosso Capitão!
Hoje na circumcisão
Se tornou Jesus moleiro
Por tornar o domingueiro.

RECEBIMENTO QUE FIZERAM OS
INDIOS DE GUARAPARIM AO Pe. PRO-
VINCIAL MARÇAL BELLARTE (¹).

UM INDIO *ao desembarcar no porto*

Vinde, pastor desejado,
Visitar vosso curral,
Pois por ordem divinal
Para nós sois cá mandado,
Do Reino de Portugal.
A Magestade Real
Do Senhor Omnipotente
Ordenou mui sabiamente
Que, com peito paternal,
Venhaes ver tão pobre gente.

(¹) Pertence tambem á versão Arinos-Mello Moraes.

Vinde ver, Pai amoroso,
Os filhos que tanto amais
Cuja salvação buscaes,
E com peito piedoso
A vida lhe procurais.
Por mar e terra passais
Trabalhos por causa nossa
Sem que a caridade vossa
Com que tão accesa estais
Em vós apagar-se possa.

Vinde, Sabio Regedor,
Reger os desordenados
Para que por vós guiados (¹)
No caminho do Senhor
Escapemos do peccado (²).
Estamos desconcertados,
Mas vos trazeis o concerto
Para que nós mais de perço,
Por vós bem encaminhados,
Achemos o céu aberto.

(¹) Versão Arinos-Mello Moraes: «guardados».
(²) Id. «dos peccados».

«Vinde, defensor mui forte ⁽¹⁾
 Defender os combatidos,
 Por que não sejam vencidos
 Da culpa que causa morte
 Bem infernal aos vencidos.
 Se formos favorecidos
 De vós, padre Belliarte,
 Seremos por toda a parte
 Seguros e escolhidos
 Como em forte baluarte.

Vinde, Vigario de Christo,
 Ao qual quem obedece
 Ser coroado merece
 E com Deus estar bemquisto.
 Que por Senhor reconhece
 Com o ouvirmos o bem cresce,
 Pois sois do rei eternal,
 Logo, tenente Provincial
 Cuja graça resplandece
 Em vós, nosso pai Marçal.

⁽¹⁾ Todo este trecho, entre aspas, pertence á versão Arinos-Mello Moraes.

Esta vossa pobre aldeia
 De Guarapari chamada
 É deleitosa morada
 Da Senhora Galiléa,
 Que por sua a tem tomada
 Para nella ser amada
 E com toda a devoção,
 E de todo o coração
 Ser de todos venerada
 Sua limpa Conceição.

Neste tão pobre logar
 Ella mora mui contente,
 Pois seu filho omnipotente
 Num palheiro quiz estar,
 Nascido mui pobremente.
 Porque a fé de vossa gente
 Para Deus é doce leito;
 A qual com amor sujeito
 Deseja ser inocente,
 Deixando mal que tem feito.

Uns são velhos moradores
 Outros novos do sertão:
 Mas todos, de coração,

Desejam ser amadores
Da Virgem do Conceição.
Porque nella a redempção
Obrou seu filho Jesus,
E com sua graça e luz
Nos deu vida e salvação,
Sendo morto n'ua cruz.

E, pois, sois tão namorado
Dos Senhores Filho e Māi;
Nosso bem nos procurai,
Tendo de nós o cuidado
Que se espera de tal pai.
Esta aldeia conservai
Para que com paz morramos
E, pois, já na fé vivemos;
Todo o remedio nos dái
Com que todos nos salvemos.»

INDIO D'ALDEIA ⁽¹⁾

Vinde reverenciar nosso Pai
Trazei-lhe vossas offertas

⁽¹⁾ O original é tupy; a traducçō do Pe. José da Cunha.

Abracemo-lo hoje todos
Que por mar veio embarcado
Lançar-nos a sua bençāo.

ANGIRÉ, (indio)

Nós somos todos mui pobres
E tambem a nossa terra.
Agora será mui rica,
Porque se lembra de nós
Nosso pai que é um santo.
Aqui está o Padre grande
Em logar do Senhor Jesus,
O qual é o que fez tudo,
O qual é o que nos ama,
O qual é o bom Senhor.
Acabou-se hoje o peccado
Aqui desta nossa terra
E todas as cousas más.
Deus é que só faz tudo
E tudo assim ordena.

*Na Igreja fala um Diabo contra os bran-
cos.*

DIABO

Que Padres ora cá vem
 Meter-se no meu logar?...
 Logo se podem tornar
 Que nenhua medra tem
 Pois tudo está a meu mandar.
 Eu com uma volta dar
 Quanto elles tem ganhado,
 Que tenho todo roubado
 E mui muito a seu pesar.
 Trago tudo de um bocado,
 E não tenho mais cuidado
 Para isto executar,
 Que qualquer branco chamado,
 Dos que tenho a meu mandado
 E me servem sem faltar
 Porque estes tais sem cessar
 Resolvem todas as coisas ⁽¹⁾,
 Discretos para enganar,
 Ligeiros para gracear ⁽²⁾
 Que parece que têm asas

(1) Na versão Arinos-Mello Moraes: «revolvem todas as casas».

(2) Id.: «seccar».

OUTRO DIABO, *contra o primeiro, falla contra os Indios* ⁽¹⁾

Olhai o cara de cão!
 Quem te fez o campo franco?
 Para nesta procissão
 Vires dizer mal de branco
 Sem nenhuma conclusão?
 Sus lá!
 Na villa não faltará
 Quem lh'o diga muito bem!
 Agora tratemos cá
 Dos que neste lugar ha
 Dos Brasis, que amor me têm.

1.º DIABO ⁽²⁾

Não ha de ser isto assim,
 Eu basto para falar,
 E ao coração lhes fallarei;
 Que os sei mover a que obrem
 O que eu lhes mandar fazer

(1) Todo este trecho até o fim é tomado da versão Arinos-Mello Moraes.

(2) Dialogo em lingua indigena.

PRIMEIRAS LETRAS

2.º DIABO

Bem está isso
 Eu fiz outros brancos,
 Lembrados só do peccado,
 Ficassem todos perdidos,
 E todos os homens o commettem
 E ficam sujeitos á pena.
 A todas as pessoas
 De Guarapari naturaes
 Por toda a parte tenho cercado;
 Eu só lhes fallo ao ouvido,
 De um é só que me lembro.

Debalde

O padre mandado por Deus
 Veio ficar junto
 E lhes pôr o seu signal;
 Porque os seus corações
 Todos tenho em meu poder.
 Tenho debaixo da mão
 A um indio que fiz peccar,
 E sabe todas as cousas;
 E se ensinar aos outros,
 Toda a aldeia peccará.
 Mas esperai e ouvi.
 Que aqui ha uma mulher forte

A que sabe pelejar
 E quer morar nesta aldeia
 E o meu coração a teme.

1.º DIABO

Basta isso.
 Aqui ha um grande
 Anguiré; vamos abraza-lo.

2.º DIABO

Está muito bem, já vamos
 E busquemo-lo por casa
 E lancemo-lo no inferno.

ANJO DA ALDEIA (*contra os Diabos*)

Vinde cá, entrai e ouvi
 Esta aldeia que aqui está
 Dos filhos de Deus é terra,
 Não ouseis fazer-lhe mal
 Nem quero lhes façais damno.
 Eu sou o guarda dest'aldeia
 Vedês esta minha espada
 Que'inda conservo na mão?
 Pois lembrai-vos do castigo

Não toqueis no Anguiré
Nem em outro dos meus
Que me servem como filhos.

ANQUIRÉ (índio)

O padre grande que hoje
Quiz andar passando a agua
Com perigo em o mar grande
Desterrou todo o peccado
Aqui de Guarapari.
E por amor delle mesmo
Esta terra tem fortuna,
Porque se desterrou della
Toda a maldade com que
Nos enganava o Demonio

2.º DIABO

Quero ficar morador
Aqui dentro deste matto
Quero ter de mão a aldeia.

ANJO

Para que tenho esta espada?

DIABO (*á parte*)

Vamos! eu estou tremendo:
Isto é muito forte.

Vai-se o Diabo e dahi a pouco torna.

Eu aqui estou e tornei a vir
Lembra-me uma cousa que dizer-vos:
Vamos com os corações tristes
E ficamos muito mal.
Porque nos tiram esta gente,
Mas debalde o padre lhes falla.
Eu, ainda que seja seu fructo,
Não sahirei desta aldeia,
Porque é cousa muito má;
Por causa de seus moradores
O Senhor Deus não a quer,
Que aqui ha um grande feiticeiro;
Nem se acabará o peccado,
Porque ainda persistem nella
Os furtos e juramentos
E eu sou muito amante de todos
Que são de Guarapari

(*Vem um Indio com uma espada contra elle.*)

INDIO

Porque me fallas desta sorte,
Tu que és grande mentiroso?
Aqui estou para te emendar.
Affrontaste o Senhor Deus,
Que é o dono desta aldeia;
Nenhum aqui te quer bem,
Meu parente tapijara
Emanação da Temiguara,
Ninguem se lembra de ti
Nem de nenhum és amado;
Verás que debalde fallas
Contra Deus e contra nós;
Quero-te hoje ensinar
Quebrando-te a cabeça,
E te lembrarás do castigo
Por seres tão desattento,
Falsario e enredador.

(Quebra-lhe a cabeça)

Matei uma cousa má:
Que estará elle agora?
Eu me chamo castigador de demonios.

DANSA DE DEZ MENINOS ⁽¹⁾

1.º

Minha terra afortunada
Que veio ⁽²⁾ meu pai a ella
E eu tambem junto delle
Quero estar sem me apartar.

2.º

Pois aqui está meu parente
Posto na vossa presença
Eu tambem quero ser visto
E quero ser vosso escravo.

⁽¹⁾ O original é em lingua tupi: a traducçao
do Pe. D. João da Cunha.

⁽²⁾ Versão Arinos-Mello-Moraes.

3.^o

Gentia brava do mato
 Era aquella minha avó:
 Eu quero ser batizado
 E só a Deus quero por pai.

4.^o

Meu Pai e meu Creador
 A vós amo e juntamente
 A vós que tambem sois Pai
 Em logar do Senhor Jesus.

5.^o

Estava arruinada esta aldeia
 Agora está muito bôa
 Fortuna de Guarapari
 Em que se faz a Deus casa.

6.^o

Guarapari estava negra
 Depois ficou reluzente

Porquanto Santa Maria
 Por fortuna ⁽¹⁾ a fez formosa.

7.^o

Mãi de Deus e de misericordia
 Livrai-nos nossas almas,
 Ajudai-nos vós com veras
 E acceitai nossos corações.

8.^o

Detestamos o peccado
 E ao Senhor Jesus pedimos
 Que ajude tambem áquelle
 Que aqui nos ensina a fé.

9.^o

Vós não nos deixes cair
 Livrai-nos esta nossa alma
 Tambem as de meus parentes.
 Seja pelo amor de Deus.

⁽¹⁾ Versão Massena: «por tanto».

Vinde vós Padre Marçal
Guardar-nos a nossa aldea
Pedi ao Senhor Jesus
Pois que delle sois amado.

ASSUMPÇÃO ⁽¹⁾

Dia mui santificado
É para nós este dia,
Porque a māi de Deus
Nelle resurgiu á vida
Para ir á eterna gloria
Para lá esperar nella
A vossa mesma esperança.

O vosso filho soberano
La vos levou neste dia.
Eu vos amo, māi de Deus,
Confesso-vos no coração

(Nota do manuscrito: Anchieta. Copia de um manuscrito authentico da Bibliotheca dos Jesuitas em Roma em cujo livro, á pagina 1.^a se acha a fé e juramento do Pe. D. João da Cunha que nada adulterou da escripta de Anchieta. Reconhecida a ultima pagina pelo Con.^o J. Rodrigues. Tudo em Roma no anno de 1732. J. Franklin Massena. Roma, 20 Nov. de 1863)

⁽¹⁾ Inedito: versão Massena. O original é em tupy; a tradução portugueza do Padre D. João da Cunha.

Vós cheia de Misericordia,
Nos esperaes em verdade
E vos lembrareis, Senhora,
De mim, que sou vosso amante.

Minha Senhora a vós quando
Nesta terra, com vosso filho,
De nós sempre vos lembastes,
Hoje não vos esqueçais
Porque vos desejamos ver
La no céu, onde estais,
E porque estais tão formosa
Fazei o que vos pedimos.

Nós com saudades de Deus
Desejamos estar convosco.
Intercedei por nós hoje
Ao vosso filho na gloria.
Hoje estão os anjos todos
Junto de vós, mui formosa.
Vinde cá, meus companheiros,

Tambem quero estar convosco.
'Vinde, minha alma tambem,

Vamos logo preparar-nos.
Junto da Virgem estará
Se está de pecado isenta.
Esta nossa defensora
Que ao ceu vai por Rainha
Nos aconselha com o tempo
Que fujamos do Diabo,
Que nos está esperando
Se morrermos em pecado.

Só a vos amo, Senhora
Só sois o amor de minh'alma,
Minha formosa senhora.
Minha alma muito vos ama
E deseja estar convosco
Para sempre, nessa gloria.

DIA DA ASSUMPÇÃO (¹)

QUANDO LEVARAM SUA IMAGEM A RERITIBA

ANJO, *no Caminho*

Vinde cá, Virgem Maria,
Mãi de Deus, amor desta aldeia
Donde o Demonio assistia.
Hoje só vós quer a nós
Por amor, ora Princeza.
Se os corações estão limpos
Com o amor que vos tem,
Esquecidos do Demonio

(¹) Inedito: versão Massena. Em tupy no original; a traducçao portugueza é do Padre D. João da Cunha.

Vos pedem vos lembreis delles
Que tambem são do vosso filho.

DIABO

Não; vos vindes cá debalde
E esta aldeia, que é minha,
E por mim, os seus moradores
Me dão toda posse della.
Este logar todo é meu
E eu não quero sair delle
E a nação Butigara
Que aqui está neste logar
Toda está na minha mão
E não por amor de vós.

ANJO

Detem-te, para que falas?
Os Botigaras tambem
Amam ao Senhor Deus
E tu vais para o fogo eterno.
Eu defendo esta aldeia
E te mando com imperio
Porque hoje a mãi de Deus
Aqui está como Senhor.

DIABO

Eu fico hoje muito pobre...
Hoje livra a māi de Deus
Esta terra de meu poder
Como cruel inimigo

Fala com os seus companheiros

Vamos, habitadores d'aldeia
Porque nos manda partir.

DIABOS

Sim, vamo-nos, basta,
Fulminemos outros pecados.

SEIS SELVAGENS QUE DANÇAM
OS CHATIS ⁽¹⁾

1.º

Aqui estão os selvagens
Que vimos hoje do mato...
Inda que somos muí toscos
Todos vimos a festejar-vos.

2.º

Eu tambem venho convosco
Do Deus a terra buscando.

(1) Inedito: versão Massena. O original em tupy;
a traducçāo portugueza é do Padre D. João da Cunha.

Vinde vos cá, ensinai-me
Se sabeis adonde está.

3.º

Eu lá do meio do mato
Venho ver a vossa festa,
Vinde vós junto de mim
Que eu quero ficar aqui.

4.º

Por amor de vossa vinha
Eu tambem, inda que mau!
Vim ver a Deus verdadeiro
Com tenção de lhe falar.

5.º

Aqui estou junto de vós
Minhas frechas se acabaram.
Vinde cá, façamos outras
Pois vós muito bem sabeis.

6.º

Quem será o sabedor
Desta nossa defensora?
Pois amo de verdade
Ainda que seja máo.

Dançam dois e, em presença dos do sertão, dizem:

1.º

Aqui nesta aldeia está
Uma coisa que eu não sei bem
Hoje dançam aqui
E fazem festa meus parentes
Eu não sei onde está Deus,
E filho da māi de Deus
Portanto, esperemos hoje
Por ver se no-lo dizem.

2.º

Aqui está um meu parente
Marçal, ou como se chama,

Este o sabe mui bem,
 Chamai-o vós, porque elle
 Vos ensinará tudo.
 Padre Marçal, vinde.
 Mostrai-nos a mã de Deus
 Isto nos satisfará.

ANJO

Por vos ajudar a todos
 Aqui estou para livrar-vos.
 Eu vos mostrarei a Deus
 Que veio livrar as almas
 E morreu por vosso amor
 E tambem por vos salvar.
 O Senhor Jesus chamai,
 Deixai essas vossas frechas,
 Vinde cá, mostrar-vos-hei
 O logar onde estão os anjos
 S. Sebastião é vosso Padroeiro
 Vós amai muito a Jesus
 Tendo bom coração para elle
 Porque elle vos formou.
 Por vós estes moradores
 Vieram aqui fazer
 Este festejo na Egreja

E, portanto, neste dia,
 Haveis de ficar com elles,
 Anguiré que ama esta aldeia
 Aqui veio e está tambem
 E afugentou o Demonio.
 Os moradores o sabem
 Toda gente desta aldeia
 Querem a Deus por Senhor,
 A Senhora e o Menino
 Têm perdoado os peccados
 De todos os desta aldeia.

RERITIBA ⁽¹⁾

Reritiba é a minha terra,
Aldeia mui virtuosa.
Meus parentes me mandaram
A ver hoje a mãe de Deus.
Esta Igreja está muito bôa
E está muito bem enfeitada
Deixei hontem a minha casa
Só por ouvir missa nella.

ORAÇÃO

Vinde, pois, S. Maria,
Amada de meus parentes.

(1) Inedito: versão Massena. O original é em tupy; a tradução do Padre D. João da Cunha.

Os peccados se acabaram
Porque sois nossa princeza.
O Padre Marçal tambem
É nosso intercessor
Corpo e alma vos offerece:
Lembrai-vos de nossa terra.

CANTIGA (1)

POR QUERIDO O ALTO DEUS

Nós, que perdidos estavamos, vos amamos.
Deus uma mulher fez de grans virtudes
Mas toda a gente por ella se perdeu
Ficando toda em culpa original.
Por serem todos seus filhos viventes
Outra mulher fez em recompensa
Lembrado do amor que nos tinha,
Senhora de todas virtudes sabedora,
Santa Maria se chama, contraria ao Demonio.
Sua filha por ouvir a palavra do Eterno Padre
Concebeu do Espírito Santo o mesmo filho

(1) Inedito: versão Massena. O original é em tupy; a tradução portugueza do Padre D. João da Cunha.

E desta sorte ficou homem e tambem Deus.
Sujeitou-se á morte o autor da vida
Vestido desta nossa humanidade
O nosso grande amante, e nosso amado
Menino soberano hade ficar
Maria, māi de Deus, e grande senhora
Contrario do Demonio, e seu terror,
Nosso amparo e nossa fortaleza,
Sede tambem nosso intercessor.
A vós amamos todos, Maria, Filhos.
Nos nossos corações estaes metida,
Que estão limpos de toda coisa ruim
Nenhuma maldade nelles ha, nossa Princeza.

CANTIGA ⁽¹⁾

Mãi de Deus mui formosa
Pois que por nós quiz morrer
E nos veio ensinar
O Vosso Senhor de paz,
 Guardai-nos
 No nosso dia
 E livrai-nos a nossa alma.
Vinde cá por amor de nós
 E rogai a vosso filho
 Que nos livre do mal, e basta.
 O amor mau do coração
 Já se lançou fora delle;
 O vicio já se acabou,
 O peccado feneceu;

(1) Inedito: versão Massena. O original é tupy:
a traducção portuguêsa do Padre D. João da Cunha.

Só vós de nós sois amada.
Todo ruim lancemos fora;
Por vosso amor se obra tudo,
Junto de vós está meu coração
E não se apartará jámais
E pois de vós nasce o amor
Na vossa morte ajudai-nos.
Tendes olhos de piedade
E nós todos somos vossos
Vinde, mãi de misericordia,
E defendei-nos a todos
Na nossa morte: nossa mestra,
Vista clara de nossas almas,
Fazei-nos a nós lembrados
A Jesus vosso amado filho.
Aqui estão nossas almas
Lembrai-vos dos que vos amam
E rogando
Por nós todos
Por que todos vos amamos

CANTIGA DO SEM VENTURA ⁽¹⁾

Nosso verdadeiro Pai Jesus
Das nossas vidas senhor,
Nós vos amavamos
Como nosso defensor.
Do Demonio cruel
Livrari-nos, amor,
Pois nos quer matar a alma.
O amante de nossas almas
Em um madeiro morreu.
O Senhor que nos dá o castigo
Do Demonio nos livra hoje.
Nosso amor,
Nosso Senhor,
E libertador de nossas almas,

⁽¹⁾ Inedito: versão Massena. O original é tupy:
a tradução portuguêsa do Padre D. João da Cunha.

Vinde, pois, meu Senhor Deus
A alma minha vos estima
E vos espera com véras.
O amor do Demonio se acabou,
Eu vos amo,
E vos confesso,
A vós só reconheço por Senhor.
Eu quero ficar na vossa terra
Porque vejo muito formosa
E hoje ficarei nella junto com os meus parentes,
Eu, como escravo,
E vós vos lembrareis de mim.

POESIA (¹)

1.º

Nós tambem somos amantes
Do menino Senhor Jesus
E aqui estamos promptos
Donde vós estais tambem.

2.º

Ainda que é pequenino
Tambem é Deus verdadeiro.
Nós querermos estar donde
Habitemos junto com elle.

(¹) Inedito: versão Massena. O original é em tupy; a traducçao portuguesa do Padre D. João da Cunha.

3.º

Do ceu veiu este Senhor
Libertador de minha alma
Guardai meu coração
Senhorinho e Pai Jesus.

4.º

Seja minha alma guardada
Por vós meu Deus e meu Pai,
Para isso vem aqui
Que me livreis do temor.

5.º

Com saudades do menino
Eu deixei a minha casa.
Vinde, senhor pequenino
De minha alma fazei morada.

6.º

A nosso Creador, Senhora,
Que tendes em vossos braços

Eu tambem lhe quero muito
E lhe entrego a minha alma

7.^o

Vede-nos senhora nossa,
Mãi de Deus, santa Maria,
Vinde, terror do Demonio,
A livrar-nos delle, e basta.

8.^o

Tendes os olhos piedosos,
De minha alma vos lembrai,
Metei o Senhor Jesus,
Vosso filho, no meu peito.

9.^o

Mãi de Deus, e tambem minha,
Eu quero, ainda que mau,
Por amor de vosso filho
Ter-vos sempre na memoria.

10.^o

Todos vos queremos muito,
Eu, com especialidade,
Por vosso amor deixo tudo,
Levai-me, lá para o céu.

11.^o

Outro principal melhor,
Por amor de vós, nos dai
Aqui estou á vostra vista
Meu Pai e Senhor Jesus.

12.^o

Vós quereis aqui ficar
E esperai-me, pecador,
Senhor de virtudes sois
Vinde, amado Senhor!

E a minha alma fraca,
Por amor do peccado,
Eu ainda que mau
Porque agora amo,
Meu Senhor Jesus.

OUTRA POESIA (1)

Quem conhece a Deus
É só quem o ama.
Meu Senhor Jesus
Por mim quis morrer,
Para assim do Demonio
Livrar a minha alma
Que estava morta com o peccado.
Ao Senhor espero
Porque agora amo,
Meu Senhor Jesus.

Todo entendimento
Eu tinha perdido

Este meu amante,
O que minha alma adora,
Está pequenino
Nos braços da Aurora,
Elle tudo sabe,
Agora eu amo,
Meu Senhor Jesus.

Por nossa saude
Elle quis morrer,
Para do Demonio
Nos livrar a todos
Aqui nos assiste e está comnosco
E agora amo,
Meu Senhor Jesus.

Todo seu sangue
Deu, quando morreu,

(1) Inedito: versão Massena. O original é tupy:
a tradução portuguêsa do Padre D. João da Cunha.

Só por nos livrar
Do mesmo Demonio.
Tudo isto é verdade,
Agora amo,
Meu Senhor Jesus.

TUPINAMBÁ (1)

Vinde cá vós todos,
A ver a Jesus,
Amante gentil.
Eu comvosco irei,
Jesus, cousa bôa,
Amai-o deveras
Meu senhor Jesus,
E meu Pai Jesus

Eu me chamo Tupinambá
Do Padre Grande mandado.
Todos os brancos daqui
Me tem muito bem ensinado
Meu parente antigamente
Aqui morreu e aqui esteve
E tambem aqui o Padre
Lhe ensinou que havia Deus.
Para nos ensinar que ha Deus
Vem por mar doutrinar-nos
Que creremos em um Deus
E os vicios se acabaram.
Eu peço e pedirei a S. Maria

(1) Inedito: versão Massena. O original é tupy:
a traducçao portuguêsa do Padre D. João da Cunha.

PRIMEIRAS LETRAS

E ao menino formoso
Que perdoe a nós todos.

ORAÇÃO

Pelo meio do mar grande
Buscais nosso coração
Vinde nosso amador
Porque vós mui bem sabeis
Que eu sou Pai Tupinambá.

DOS MYSTERIOS DO ROSARIO
DE N. SENHORA ⁽¹⁾

Ó Virgem Maria,
Mã de Deus amada,
Tão formosa sois
Como a estrella d'alva.

Gozosos

Por seres perfeita
O Senhor vos ama
Sendo Virgem pura
Fostes Madre Santa.
O filho de Deus

⁽¹⁾ Pertence tambem á versão Arinos-Mello Moraes. O original é em tupy; a traducçao portugueza do Padre D. João da Cunha.

Trouxestes no ventre
Como estrella d'Alva
Sempre reluzente.

S. João menino
O sentio no ventre,
Quando vos ouvio
Começou a saltar,
Conhecendo a Jesus
Muito alegrou-se
Como, etc.

Não nos aparteis
Dos olhos o filho,
Que tendes nos braços
Jesus verdadeiro
Mamando um pouco
Nos virginais peitos.
Como, etc.

Os olhos da Virgem,
Princeza do céu,
Parece que guardam
Hoje nossas almas,

Junto do menino
Quero estar tambem,
Como, etc.

Na vossa mão tendes
O vosso menino,
Filho de Deus Padre
E nossa esperança.
Vós o defendeis
De alguma frecha,
Como, etc.

Dolorosos

Morreu a esperança
Da mãi verdadeira
Suou tanto sangue
Com aflição dália,
Que correu na terra
Firmando-se nella.
Como... etc.

Esta grande agonia
Causou o peccado

E o correr do sangue
E muitos açoutes
Por amor das almas
E o amor que nos tem,
Como... etc.

Que grandes espinhos
Lhe põem na cabeça
Todos lhe passaram
Com grande aspereza.
Meu Senhor Jesus
Porque nos quer muito,
Como... etc.

Aqui os contrarios
Lhe põem uma Cruz
Em seus tenros hombros
A leva Jesus,
A gente gritando
Em vossa presença,
Como... etc.

Aqui cae com ella
Por muita fraqueza,

E na mesma cruz
Põe-a nosso Senhor.
Com ferros o passam
E nossa alma tambem,
Como... etc.

Gloriosos
Vivo appareceu
Depois de enterrado,
Para que o Demonio
Fosse superado,
Tirando-lhe as almas
Que tinha encerradas.
Como... etc.

Assim aos Ceus
Foi nosso Senhor
Acabou-se a pena
Dos que estavam presos
O Senhor os soltou
E os levou aos Ceus.
Como... etc.

A vossa alma alegre
Está gloriosa

PRIMEIRAS LETRAS

Na face de Deus
Que resussitou
...
Hoje resplandece
Como... etc.

Vencedor da morte
Foi ao Eterno Pai
Jesus nosso resgate
Nosso amante fino
Jesus, summo Bem,
Vós só nos remistes,
Como... etc.

Virgem Senhora
Vós sois mulher forte,
Mestra Celestial.
Acabou-se a pena,
Livreai-nos agora,
Da eterna chama,
Como estrella d'Alva,
Estais reluzente.

JESUS NA FESTA
DE S. LOURENÇO ⁽¹⁾

DRAMA SACRO

(No 2.º acto entram 3 Diabos que querem destruir a Aldêa com peccados, resistem S. Sebastião, S. Lourenço e Anjo da Guarda, livrando a Aldêa e prendem os Diabos, cujos nomes são: Guaixara, Rei, Ambirè e Saravaja, criados do Rei.

GUAIXARA

Sou Principe de gran virtude,
Eu sou bem aventurado,

(1) Pertence tambem á versão Arinos-Mello de Moraes. O original é em tupy; a traducçao portuguêsa é do Padre D. João da Cunha.

Ainda que esteja mui quente
Que me embrulhe a minha terra
Quem esta ousadia.

Eu só

Sou possuidor desta Aldea.
Por toda a parte a rodeio,
Eu sou de todos estimado
E daqui vou para donde
Outra aldea tenho minha.
Quem verá como eu sou?
Terá tão grande memoria?
Sou o grande Demonio assado
Guaixara, gran Presidente,
Aqui não ha outro como eu,
Eu sou o mais gentil homem.
Não quero que ninguem se queime
Não quero afligir a ninguem,
Quero só de graça ter
Estas aldeas por mim.
É bôa cousa ter capacidade
Para governar estes filhos.
Eu a todos quero muito,
E a todos falo bem,
E como Pai lhes assisto,
Eu sou quem os defende
Do pequeno e mal grande,
E nos corações lhes insinúo

Que se destruam com guerras.
Tambem a dansar ensino,
Ensinemos a ter amigas,
Porque fiquem ás escuras
Ensino-os a quem ferirem,
E que os venham a matar,
Ensino-os a comer muito,
E que pequem mortalmente,
Que assim sou grande senhor,
Nem conheço outro dominio
Pois fazem o que lhes ensino.

AIMBIRÉ

Eu ainda que esta gente
Pelo que imagino e creio,
Ou me engana o coração,
Hoje aquelle padre mau
Pregar a Deus lhes veio,
E ahi está.
Ajudai-me, meus parentes,
E andai sempre commigo
E junto de mim obrareis.
Bom governador Aimbiré
Para fazer pecar todos

*Senta-se em uma cadeira e vem uma velha
adorá-lo e elle ajuda-a como o fazem os indios,
e ella o despois de adorá-lo, achando-se en-
ganada diz:*

VELHA

In: que isto? este é Demonio
Eu estava enganada, e elle fede.
Eu te renego, Demonio!
Não me atrevo olhar para ele
Porque está muito horrendo.

Fala com elle

Vós sois cousa mui ruim
Hoje não me esquecerei
Eu basto para que todos
Os que estão aqui commigo
Vamos fugindo daqui.

Foge

GUAIXARA, chamando Aimbiré, diz:

To, vem cá, onde estavas?
Que não vieste ser visto?

AIMBIRÉ

Eu tive amor a uma aldêa
Nella é que eu fiquei, que a terra
Nós nos façamos em cobras.
Hoje me vingarei della
Eu frecharei, e praticarei
Porque estando eu no meio
Da dansa que elles fartam
Ouvi nomear a Deus
E logo me fui dali.
Fiquei ruim vigiador
Eu queria persuadi-los
A todos que obrassem mal
E mettê-los nos corações.

GUAIXARA

Fazeis bem
Mas ficastes mui cobarde
Por vos lembráreis do que ouvistes
Vinde cá, chamai a outros
E tragam-me aquella velha
E fulminemos outros pecados.

AIMBIRÉ

Capitão bem afortunado
 Ouve e crê o que te digo:
 Todos estes meus discípulos
 E os naturaes da Parahyba
 Na mão lhes tinha eu as almas,
 Mas hontem tudo perdi
 Que todos ficaram crentes
 No que o Padre lhes dizia.
 Não nos amam, estão perdidos
 Amam a Deus, eu bem sei,

Elles

Guardam na memoria
 O que o Padre lhes ensina
 E por estar certos disso
 Quanto eu lhes tinha ensinado
 Tudo lhes tem esquecido.

GUAIXARA

Curai-os que estão enfermos
 Que senão os perderemos!

AIMBIRÉ

Os Tapuyos estão mui maus
 Se os curo da doutrina,

Então podeis descansar.
 Vou ensinar-lhes a peccar,
 Fazendo-os de feiticeiros,
 Ensinando a uns e a outros
 Eu bem sei que Deus que pôde.
 Eu tambem sou poderoso
 Para ensinar a estes maus Tapuyos
 Para que creiam em mim.
 E folgarei que creiam e façam feitiçarias
 Porque vão comnosco arder.

GUAIXARA

Bem está
 Eu tambem ajudarei
 Fazendo minhas praticas.

AIMBIRÉ

Hei de lhes fazer com que
 Os parentes destes todos
 Me deem os seus corações.
 Olhai os Tupinambás
 Com a doutrina que veio do Padre,

E com a lembrança de Deus,
 Já todos temos perdidos.
 Já ninguem se lembra de nós,
 Porque o safigo esfollado no-los tirou
 Como foi Guarapitiba
 E a nossa Parahiba
 Guayajó, Carijooca
 Pacocoya, Aracatyba.
 Acabaram já para nós,
 Como se lhes dera o fogo
 E agora amam a Deus
 Que era aldeia que ficou,
 Do nosso poder tirou
 Aquella maldita velha
 E nós ficamos sem nada.

GUAIXARA

Vem cá doudo,
 Pregoeiro do Altissimo,
 Obedece que eu te mando
 Vem em minha companhia,
 Ficaste como bicho mau.
 Saíamo-nos desta aldeia,
 E vem, não sejas mofino,
 Vamos por ahi perverte-los.

[150]

AIMBIRÉ

Meu principe, eu já encontrei
 O signal deste potentado

GUAIXARA

E quem é elle?

AIMBIRÉ

Lourenço, santo formoso
 Que junto de Deus está.

GUAIXARA

Donde está Lourenço em grelhas,
 Nosso semelhante, assado?

AIMBIRÉ

Ahi está.

GUAIXARA

Descança, por que não é certo
 Esse signal que me dizes.

[151]

Mas hoje o porei nas grelhas
Porque sou seu semelhante
E tambem aqui estou vivo.

AIMBIRÉ

Bem está, mas isso que importa
Todos os teus, que te amavam
Hoje estão livres de ti,
E tambem parece que vive
Bastião, que os ensinou.

GUAIXARA

Aquella neta minha antiga
Bem a ouvi praticar
Por que é uma enredadora
Ella não falte hoje aqui
Porque em toda a parte a vejo

AIMBIRÉ

Não seguirei teu conselho.

GUAIXARA

Lembra-te do que te digo
Hoje não ha outro aqui,

Quem é que será como eu?
Póde Deus acaso tudo?

AIMBIRÉ

Cala-te ahi, devagar
Que Deus te abraza com fogo
E para sempre arderás...
Olha para a antiguidade!
Guaixara enredador,
Vês muitas embarcações
A que elle mesmo ajudou
E não quis se perdessem?
Pois, eram gente branca
E esse Sebastião
Te fará gritar no fogo
Para padeceres lá
Como os mais que estão penando.

GUAIXARA

Creio que ahi estão Brancos
Vamos fazê-los peccar...
E aquella minha neta
Que debalde crê em Deus

A mim é que hade amar.
 Vai ensinar-lhes a maldade
 Com o que possamos matar
 A sua alma, isto basta.
 E esta cabeça de motim
 Levemos juntos comnosco.

AIMBIRÉ

Vamos, o signal não presta
 Que sois o eu semelhante.

GUAIXARA

Espera que eu tambem vou
 E eu tambem espreitarei
 Quem será este que vem
 A causar a minha morte.
 Vae devagar Aimbiré
 Como nossa bôa espia
 E vai adiante de nós
 E descobre mui bem tudo,
 E basta.
 Sou contente.
 Sede bôa sentinelha
 Saravaia é ruim espia

SARAVAIA

Ainda eu sou má,
 Mas vamos lá para adonde
 Eu salvasse, seja bom.
 Eu de mim tenho grandeza
 Eu sou Pai destas Harpias.

GUAIXARA

Queres tu ficar commigo?
 Mas pareces muito fraco
 Não sei para que eu trouxe,
 Vamos, porêm, todos juntos
 Enredar toda esta gente

SARAVAIA

Eu vou porque sou mandado
 Mas meu coração teme.
 E antes quisera ficar
 Meu camarada Aimbiré,
 A gente já apanhou,
 Gritando como cotias.
 Vamos apanhar tambem
 Cada qual sua ração.

GUAIXARA

Ide, basta, sois valentes!

SARAVAIA

Vou correndo mui ligeiro.

GUAIXARA

Ah terra, terra maldita,
Ainda não veio o selvagem
A destruir toda esta aldea.

Tornando SARAVAIA diz:

Ambiré!
Que é isso, vindes com espada?

GUAIXARA

Com quem fallas?
Vejo já o selvagem?

SARAVAIA

Sim, sim!
A vós querem vos hoje

E a gente está muito contente
Porque lhe trouxeram cheias
De vinho mui excellente
Muitas grandes garrafas
E bebendo, crendo em nós.

GUAIXARA

Vistes bem

SARAVAIA

Mui bem ouvi, e vi tambem
Estar gritando os rapazes
Filho da gente do mato
Peccadores desta aldeia
Como que! fossem bichos
Uma mulher os defende.

GUAIXARA

Bem está, basta, esperai
Vamos de vagar, chegando-nos
Para a terra de meu semelhante

AIMBIRÉ

Que gente é esta que vem
Chegando-se para nós
Parece um gerente grelha (¹).

SARAVAIA

E o outro, S. Sebastião.

AIMBIRÉ

E o outro quem será?

SARAVAIA

O anjo parece que é
Quem vem por guarda da aldeia.

AIMBIRÉ

Eu hoje me abrazo em fogo
Porque vejo um forte principe.

(¹) No original: Que aba reçou anhe
Xerenopuá puama
Caj, Roré caé pia?...

GUAIXARA

Não é tal tem um forte feito
Vinde para par de mim
E não queiraes ter temor,
Estes são coisa mui fraca
Som elles pelejaremos.

AIMBIRÉ

Dar-nos-hão muita pancada.
Minhas frechas se acabaram
E elles nos hão de prender.

S. LOURENÇO *fala a Quaixara*

Quem sois vós?

GUAIXARA

Eu me chamo Guaixara
Cobra branca, grande cão,
E fera má que arrebata,
Morcego grande que arrebata;
Demonio que faço guerras.

S. LOURENÇO

Esse outro?

AIMBIRÉ

Eu sou cobra, ave nocturna,
Eu sou lagarto e Aimbiré,
Eu sou serpente que vôo
Eu sou urso de montanha ⁽¹⁾
E demonio de luxuria.

S. LOURENÇO

Que cousa buscaes vós?
Aqui esta minha terra.

GUAIXARA

O amor desta gente
Querendo-lhes os corações
Com isso descansaremos
Que é a cousa que mais estimo,
É tambem que me amem todos.

(1) No original: «Tamandoá atirabebo»

S. SEBASTIÃO

Quem foi o que antigamente,
Ou para que fim e amor
Esta gente se criou?
Não criou Deus esses Anjos,
E estas almas tambem,
Para todos o louvarem?

GUAIXARA

Certo que Deus os criou
Mas para amor dos peccados
Ficaram cousa mui ruim
Tristes negros assiados ⁽¹⁾
Deus que antes o amava
Depois esqueceu-se dellos.

AIMBIRÉ

As garrafas ja estão cheias
Estão, é que eu queria
Se despejassem na cuia
A beber, mas ensina-los
Quisera tambem as almas

(1) No original: «Ceco ae naporangi».
Yangaipa.

PRIMEIRAS LETRAS

Que de mim se lembrarão
Quisera seus corações
Porem amam quem os fez.

S. LOURENÇO

Esse tempo já passou,
Têm outra doutrina hoje,
E tambem outros sonhos.

AIMBIRÉ

É verdade mas só com a bocca
Elles se lembram de Deus.

SARAVAIA

Hé! chega-te aos seus corações
E fala e torna a falar...
Deus parece que os guarda,
E eu, aplicando a vista,
Parece que vi a Deus.

(S. Sebastião com Saravaia)

S. SEBASTIÃO

Tu tens olhos de coruja,
Bicho tosco fedorento,

CANTOS DE ANCHIETA

Vencido ficarás hoje
Que antigamente perdestes
E arruinastes aos homens.

SARAVAIA

As almas é que eu quero
Inda que fique vencido

GUAIXARA

Basta de falar, selvagem!

SARAVAIA

Ainda que eu aqui morra
Ainda que aqui me matem
Tu anda e vai por espias
Que estes quero para mim.

GUAIXARA

Basta não fallemos mais
Vai logo não estejas tristes
Que agora te mando eu.

SARAVAIA

Guardai bem os vossos olhos
E basta que eu já não vejo.

S. SEBASTIÃO

Mandai que eu bem vos entendo
E sahi fora da aldeia.
Dormis ou estais doentes
Hoje não ganhareis nada
De toda a gente da aldeia.

SARAVAIA

Tendes razão, é verdade.

GUAIXARA

Para que então escondestes?
Havia-te de comer.

SARAVAIA

Quero esconder-me,
Ó filho do mato, indigno.
Porque me castigas, santo?

(Ambiré com S. Sebastião)

AIMBIRÉ

Sim eu vou ver e observarás
Correndo voa como cobra
Para poder espreitar.

S. SEBASTIÃO

Os antigos
Que estavam todos perdidos
Por aquelle homem e mulher,
Sendo a cobra semelhantes,
Hoje estão á minha mão.
O peccado se acabou
Porque já crêem a doutrina
Que têm ouvido pregar.

AIMBIRÉ

As garrafas estão cheias
E por lhes beber o vinho...
Eu não quero morar no mato
Como fazem meus vizinhos.

S. SEBASTIÃO

Ao Vosso Governador
Haveis de fallar
E dizer-lhe que chamo eu.

AIMBIRÉ

Pobre principe altivo
Este manda-te chamar
E acabou-se tua gente,
E principado tambem.
Eu já não valho nada
Que ha outro principe aqui.
E está já governador
Está tambem uma mulher
Que inimiga nossa é.
Agora ficarás tu, gato pintado,
Debaixo da armadilha
Tu armaste para os indios,
Agora cahiste nella.
Eu quero ensinar a um
Que faça outros peccados.

S. SEBASTIÃO

Não aparece este gato pintado,
Este cruel tentador?

AIMBIRÉ

Eu ja fiz que muitos
Com as minhas perorações ⁽¹⁾
Fossem mui luxuriosos.

GUAIXARA

Eu tambem te ajudei,
E tambem eu me livrei
De outro inimigo teu
Para que me adorara ⁽²⁾
Por ventura é meu Senhor,
As culpas que fiz fazer
Elles deram a causa
E as mezinhas que lhe dei
Eram para me querer bem
Mas não serviram de nada.

AIMBIRÉ

Um homem a vós vos chama
E uma mulher tambem

(1) No original: «Namangi cetanhe
Xe ae aporomoingo
Moro potara recê».

(2) No original: «Mara ejara omboribi».

Parece que vos quer escravo
De um branco mui poderoso.
Eu já dei o recado.

GUAIXARA

Para que me dizes isso?
Não lhe digas que me achastes
Acabou-se a aldeia, e os que peccavam!

AIMBIRÉ

É verdade, que já eu sei,
Nós somos lançados della.

S. LOURENÇO

Esse aqui tem confessado
Que, com suas mezinhas,
Prejudicaram as almas
Para que fossem ao inferno,
Privando-as dos Sacramentos,
Mas elles, com a confissão,
E recebendo o Senhor,
Ficam seus corações limpos
Ficam por Deus perdoados.

GUAIXARA

Todos pecados que
Eu tenho aqui publicado
Este homem bem os soube
E porque conhece a todos.

AIMBIRÉ

Meu Príncipe soberano,
Tu não sabes e não te lembras
Que de nada te aproveitou
Ser capitão dos pecados.

GUAIXARA

Verdadeiramente ouvistes
Falar deste homem mau.

S. LOURENÇO

Ha inimigos crueis
Para onde hides ai, ai
Eu não irei daqui
Porque trago o Deus comigo
Para que me ajude sempre,

E lembre sempre de mim.
Quis fazer esta igreja
Para ficar casa sua.
Tambem destes meus irmãos
E por meu amor fica nelle.

GUAIXARA

Debalde se lembra de ti,
Nem elle te ajudará
O tempo se mostrará
Tão depressa, como este ar
Vem para nós corrido.

AIMBIRÉ

E traze uma só lança
Hoje temos bom successo
Eu já aguço os dentes.
Meu coração está vivo.
Como filho te acompanho.

ANJO

Que pressa é essa, ouvi?
Eu estou nesta aldeia já.
Sois defensores tambem

S. Sebastião está junto
A S. Lourenço, que ajuda
A estes pobretes hoje ⁽¹⁾,
Defende o Senhor Jesus
A todos desta aldea:
Pretende livrar do fogo

(Fala com os santos).

Tomai-lhe a lança e prendei-los

(Os santos prendem aos dois Diabos).

GUAIXARA

Basta só.

S. LOURENÇO

Não, Guaixara, vós sois bravo,
Vós é que tinheis tenção
De destruir a minha casa.

S. SEBASTIÃO a Ambiré

Já o teu semelhante
Está agarrado.

⁽¹⁾ No original: «Peporeançu corine».

AIMBIRÉ

Ah cruel filho do mato!

*Presos estes dous fala o Anjo ao Saravaia
que ficou escondido, e diz.*

ANJO

Que fazes aqui metido,
Maldito morcego feio,
Fraco te fazias forte,
Estás agora feito um sapo,
Levante-te, rato espinhoso,
E vem cá, serpente do mato,
Vejam esta cousa ruim,
Filho de jaratacaca
Cobra tamarú de estalo!!

SARAVAIA

Quem me livra que me prendam?
Basta, morro, estremecendo.

ANJO

Quem sois vós?

SARAVAIA

Eu sou Saravaia,
Papagaio espreitador.

ANJO

Vós vos chamais vigiador.

SARAVAIA

Eu sou um porco do mato,
Espia que vigiava.

ANJO

Vos sois o enredador
Que me embarçaçar veio a alma
Sois o bruto espreitador
Hoje, vos hão de matar.

SARAVAIA

Abrasó-me, e morre-me o coração.
Vós quereis peixe, meu pai,
Buscá-lo hei para vós
Crei-vos lavar também
Vos creio ouro, e deixai-me.

ANJO

Não atendo o que tu dizes
 Ainda que estais ahí metido
 Donde se mandou o seu Príncipe.
 Que caras tem vigiado
 Tu, como primeiro espia?
 Muito terás ruinado.

SARAVAIA

Não, a tres só
 Brancos, que estavam aqui.
 Eu de minha mão os tinha
 E os mesmos que aqui estavam
 Lhes ordenava o que queria.
 E só eu era como o corvo
 Que espreitava a esta gente
 E dava-lhes muitas vezes
 Bebidas sem terem onde
 E a todos ensinei.

ANJO

Vem cá para onde estou
 Vistes já quem te mandou.

SARAVAIA

Muito bem o tenho visto
 Em casa de minha sogra
 A velha como se chama.
 Vós me haveis de perdoar
 Que esta minha madrasta
 Hoje será minha presa
 E vos vereis, como eu
 Hoje lhe quebro a cabeça
 Porque é uma cousa má
 Ainda que vós sejais forte.

ANJO

Basta que tendes virtude.

SARAVAIA

Esta minha companheira
 Tem feito um grande peccado.

ANJO

E de quem são filhos esta gente?

SARAVAIA

Não sei. De alguém filhos serão,
 O ponto está que a arruinemos

Com as nossas medecinas,
O meu governo mandou
Que eu lhes fizesse mal
E matasse a esta mulher.
E eu, como bom espião,
O hei de fazer assim
Porque foi nossa contraria.

O ANJO o amarra e diz

Vós hoje ficais mui mal,
No inferno vos lançarei,
Para sempre nelle ardereis.
O que fazeis a esta pobre gente
Eu vos hei de castigar.

SARAVAJA

Aimbiré?

AIMBIRÉ

Que queres?

SARAVAIA

Livra-me, que me prendeu.
Este homem mui ruim.

AMBIRÉ

Eu tambem com ser bom guerreiro
Bastiā me tem atado
Já não sou, como era, forte

SARAVAIA

Há, filho do mato!
Porque Guaixara agora
Não nos vem ver desta sorte?

GUAIXARA

Como vos hei de ver eu,
Se Lourenço as mãos ambas
Me tem presas e amarradas?

ANIO

⁽¹⁾ Nota do copista: «Não pude copiar esta fala por causa de um borrão existente»: No original está:

Sia mocapiribe
Pecai oy che guacume
Yangabita coiré
Pai Tupá rançupanhe
Xe remiarô yandune

faz uma pratica aos ouvintes:

Vinde todos,
Vós meus filhos,
Para isso vim do céu
Por onde vós não sabeis
Só para vos ajudar,
Nesta aldea miseravel.
Quero eu patrocinar
Para que tambem venhais
A tão ditoso logar.
Ensinar agora vos venho
O que Nosso Senhor manda.
E nós anjos obraremos
Para bem de vossas almas.
Eu venci o inimigo
Que perseguias as vidas
E tambem aqui está
Por Christo Nosso Senhor
S. Lourenço Virtuoso,
Que mandou da vossa aldeia
Para o inferno o Demonio.
Ao santo tende amor,
S. Sebastião tambem
Porque é vosso defensor,
Dai-lhe toda estimação,
Acabe-se o antigo rito

Não haja aqui mortandade,
Acabem-se os feitiços,
E o augurio que vós tinheis,
Nas aves e feras do mato.
Não adoreis á palmeira.
A cruz haveis de adorar.
Não façais mal a ninguem,
Amai-vos entre vós outros,
Não sejais enredadores,
Lembrai de vossos mortos,
Não lembreis das offensas,
E não sejais invejosos,
Não tireis frechas ás gentes.
O vosso Principe será
S. Sebastião, e Pai
Junto com Lourenço.
Entregai as vossas almas,
Venerai um de mente
Neste dia e neste tempo.
Tende dó das vossas antigas
Culpas e maldades.
Olhai que o Demonio espia
Quer que vós sejais seus
Não lhe deis o coração
Porque o demonio, serpente,
Como cobra vos quer morder.
O pestifero Aimbiré

Queria perder a todos.
 Com amor e trato ilícito
 E da mesma sorte o outro
 Companheiro enredador.
 A māi, a quem vos criou,
 A māi do Senhor Jesus
 Que é o senhor das virtudes,
 E o dono da vossa terra,
 S. Lourenço, tambem, pede
 Por aquelles que são maos,
 Como se estivessem vivos,
 Dentro de seu coração.
 Este quiz ser abrasado
 Sómente para ir ao céo:
 Deveis-lhe muito amor
 E por vós ser amado.
 Crede-me o que vos digo,
 Como vosso defensor
 Que vos ensina a verdade.
 Vinde todos
 Que hoje Deus do céu,
 Em vossos corações,
 Tem influido amor,
 E quer que este persevere
 A sua lembrança em vós.

*falla com os Santos convidando para cantar e
 com isto os despede*

Alegrai-vos um pouco,
 Este dia é de fortuna.
 O Demonio está preso
 E tambem está desarmado:
 Estais seguro de seu dano.

Levam presos os Diabos os quaes na ultima repetição da cantiga choram.

Cantiga pelo tom de quem tem a vida no céu.

Hoje somos filhos
 A que livrou o Senhor Deus
 Guaixara foi para o inferno
 Guaixara, Aimbiré e Saravaia.
 Estão no inferno.

(Volta e diz)

Hoje é verdade, lá está.
 O Demonio sepultado.
 Deus é que os castigou
 Pois queria ser honrado.
 Podemos já descansar

Que temos Deus que nos livrou,
Guaixara está no inferno.

*Depois de S. Lourenço morto nas grelhas,
o Anjo fica em sua guarda e chama os dous diabos, Aimbiré e Saravaia que venham afogar Decio e Valeriano, que ficaram sentados sobre seus thronos.*

ANJO

Aimbiré, Aimbiré!
Vem para junto de mim
E prepara-te a ser ligeiro.

AIMBIRÉ

Aqui estou prestes, manda-me,
Será para eu agarrar
Esta caça, que eu pretendo?

ANJO

Hoje será tua presa
Aquelle Príncipe altivo
Que matou a S. Lourenço
Abrasando suas grelhas,
E seu peccado o mata.

AIMBIRÉ

Sim, eu farei muito bem
Minha presa hoje será
Eu levo a lança a guardar.
Hoje sou bicho feroz
Para sempre o abrasarei.

ANJO

Bem está e vai Aimbiré
E fulminar-lhe esta morte
Hoje sem falta nenhuma
O levarei para que se abra
E sua alma grite para sempre.

AIMBIRÉ

Sim, agora vamos todos,
Fallo com o seu companheiro,
Eu sou cobra venenosa.
Saravaia, vem comigo,
Nós hoje havemos de ir
Tirar a cabeça a um Príncipe.

SARAVAIA

Eu sou muito bom para isso
 Minha avó, cadella negra,
 Vamos, eu estou preparado.
 Havia de ser mui cedo
 Tambem eu tenho outra negra
 Que quer ser minha parente.
 Parece natural de Goiana.
 Parece que é minha neta.
 Mais basta que aqui está Deus
 Ou do céu pessoa grande.

Vendo os Anjos, espanta-se dizendo:

Ai, do ceu parece que vem
 Um canindé avôando:
 Prepara-te, que é uma arara.

AIMBIRÉ

É um anjo de Deus este
 Que traz pennas amarellas.

SARAVAIA

Eu sou grande frechador
 Das avespas e fuxergos (¹)

(¹) No original está: «Tatourana tamandoá».

E quero frechar a estes,
 Porque elle é o algoz
 Que a nós veio amarrar.

AIMBIRÉ

Vem cá.

SARAVAIA

Porventura sou mosquito
 Para fugir de nada?
 Não tenho medo,
 Ainda que me vedes pequeno.
 Hoje ouviram-me que sou grande,
 Eu ensinarei a gente
 Que me conheça,
 E elles se lembrarão
 Que lhes posso dar a morte
 Como elles mesmos verão.

AIMBIRÉ

Vós estais hoje valente
 E ficais hoje com nome
 Sendo vós mais medrosos.

SARAVAIA

Há, filho do mato, vamos
Eu sou convosco a essa prêsa,
A que fim vamos nós outros?

AIMBIRÉ

S. Lourenço, vosso semelhante,
Foi morto por este Príncipe.

SARAVAIA

Eu o farei gritar,
Eu me chamo alentado,
A lança está preparada,
E será minha ração.

AIMBIRÉ

Hoje tenho eu carniça.

SARAVAIA

Bom será que nos ajudem,
Deixai-me gritar por outros.

Chama por quatro companheiros que o ajudem:

A vespa sanguinolenta
Vem cá junto capiolho
Como corvo e gran cão ⁽¹⁾
Frazei vossas espadas
Caburé hoje anda lesto
Para comer a estes mortos.

TATAURANA

Eu sou grande piolho
Que me hei de hoje fartar
São os ossos para o corvo
As penas do gavião.

CORVO ⁽²⁾

Eu aqui estou
Miñha māi antiga trago
Eu já venho preparado

(1) O original diz: «Tataurana
Erur que nde mocurana
Urubú, Jagaruçu».

(2) O original diz «urubú».

PRIMEIRAS LETRAS

Para satisfazer a estes
Que comão primeiro que eu.

CÃO GRANDE (¹)

Saúde, amigo riscado
Inda agora te preparam
Está já este morto, capaz
De se comer? Sou gran cão
E tambem tigre cruel.

GAVIÃO (²)

Hei-vos agora abrigar
Ainda não estão mortos todos,
Venha um pouco de mel
Eu venho junto comvosco
Mas aqui está o Capitão.

SARAVAIA

Eu bem vos ouvi gritar
Andai lá para diante
Vão os espias primeiro,

(¹) O original diz: «Jaguaruçu».
(²) O original diz: «Caburé».

Seguremo-nos, quando pegar
E hade ser todos juntos.

Vem todos agachados para Decio que está praticando com Valeriano. (No original esta longa pratica é escripta em versos castelhanos. Tambem com os dois falam Aimbiré e Saravaia na mesma lingua. Só ao cabo, Saravaia, depois Decio e, finalmente Aimbiré, tornam a falar em tupy. Na copia diz o copista: «Segue as falas de Decio e Valeriano, as outras poesias intermedias entre o dialogo não são traduzidas»).

AIMBIRÉ

Isso é certo
Vós quisestes matar
S. Lourenço virtuoso
Elle vem mesmo castigar-vos
Aqui está em vossa presença
E eu, para levar ao fogo.

Afogam-nos e entregam-nos aos quatro belguins e cada dous levam o seu

Vinde todos
Levemo-los nossas lanças

PRIMEIRAS LETRAS

Para o inferno, a queima-los,
Delles faremos empadas
Que serão mui excellentes
E ficarão bem guizados.

Ficam ambos no terreiro com as corôas dos Imperadores nas cabeças e diz Saravaia:

Eis-me aqui que sou guerreiro
Indemnidor dos peccados
E tambem sou Rei pequeno
E me chamo sapo chato ⁽¹⁾
E hoje eu o matei
A um gran peccador
E no inferno espera
Todos estes, com a velha
E hão de ser minha presa
Que os hei de abrasar todos.

O corpo de S. Lourenço é posto na tumba.

(1) O original diz: «Xe rera cururupeba».

DANÇA QUE SE FEZ NA PROCISSÃO
DE S. LOURENÇO ⁽¹⁾ DE 12 MENINOS

1.^o

Aqui estamos todos juntos
A celebrar vosso dia
Ponde em nós tambem os olhos
E rogai a Deus por nós
Que receba nossos corações.

2.^o

Nós esperamos de vós
S. Lourenço, virtuoso

(1) O original é em tupy; a traducção portuguesa do Pe. D. João da Cunha.

Que livreis nossa terra
De nosso fero inimigo.
Já esqueceu a maldade
Tambem a feitiçaria
Ja se acabou nesta terra
Porque não ha quem obre.

3.º

Só de Deus nos lembramos
É nelle sómente cremos
E nesta esperança iremos
A nosso pai Bom Jesus
Nossas almas estão limpas,
Da maldade e da malicia,
Estaremos juntos a Deus
E nosso Pai Jesus.

4.º

Deus pelo amor que nos tem,
Já lá da eternidade
Nos viu com bôa vontade
Amemo-lo, pois, como Pai,
Nosso criador verdadeiro.

6.º (¹)

Na verdade, direis bem,
Peçamo-lho a sua benção
Porque já somos seus filhos
E o Demonio está vencido
Vinde todos, e nos alegremos.

7.º

Nosso Senhor, confessai,
Que morreu por nosso amor
Com o coração e com alma,
Tende pena de obrar mal
Somente por amor delle.

8.º

E terá medo de vós,
Vinde, e não tenhais medo,

(¹) Na copia omittiu o copista a traducçao do
5.º cujo original diz:

Erecapia yande iara
Inheenga mopopa
Ejori ore ramuba
Toroin morang' co ara
Nde reco porongara.

Acompanhemos este morto
Para que rogue por nós.

9.^o

Filho de Deus, em verdade,
Padeceu com fogo vivo,
Todo seu corpo queimado
Sobre as grelhas de ferro.

10.^o

Ainda que foi aflichto
O senhor Deus se lembrou
De vir ao mesmo fogo
Para levar a sua alma.
A残酷de o matou
Dos inimigos de Deus
Vinde ca, vinde, e vereis
Que fim levaram aquelles
Que lhe deram cruel morte.

11.^o

Os que o mataram já foram
Arder nas chamas do inferno
A donde nosso Deus manda

Que elles ardam para sempre;
Nós tambem se não o (1) amarmos
Teremos o seu castigo,
E arderemos tambem
Como elles, no fogo vivo.

12.^o

Aqui estamos, Senhor, hoje
Tende na mão nossas almas,
Pois nos lembramos de vós,
De nossas almas amor
E nossa vida Eterna.

(1) = a Deus.

Ficastes tão pequenino.
Vinde, e desterrai
De mim o meu peccado,
Esta minha alma vos ama
Porque sois Senhor meu Pai.

POESIA (¹)

1.º

Menino muito formoso
Lembrai-vos muito de mim
Meu senhorinho Jesus
Eu vos peço com muita ansia
Porque só vos adoro.

2.º

Todos os ceus vós fizestes
A terra e o mar tambem,
E hoje, por amor de mim,

(¹) O original é em tupy; a traducçao portuguesa do Pe. D. João da Cunha.

3.º

Vós sois dos pobres remedio,
Só com a vista dos olhos;
Eu sou como a besta campestre
Que anda pastando no campo.
Vinde, Senhor, que me amais,
Dar-me alguma cousa bôa
Ainda que eu não sei dizer
O meu coração vos ama.

4.º

Hoje os anjos neste dia.
Alegres vos festejam,
Vinde, Senhor pequenino
E levareis a minha alma
Que muito há vos espera.
Vinde em mui bôa hora

Que ainda que eu seja ruim
Vereis o meu coração,
E não me aparto daqui
Guardai o meu coração.

5.^o (1)6.^o

É meu contrario o Demonio:
Neste dia me persegue,
Que eu fique no pecado,
E meu coração contra vós.

(1) Diz o copista: «Tradução sem sentido e errada». O original diz:

Adam orerubipe
Ore mocanhe mete
Anhangá rate penhe
Ore caya oamari
Nde ere yeme curumi
Ore mo ing obe pota
Ejori toiepea
Teco aiba xe cui.

Menino Jesus formoso,
Meu amante fervoroso,
Eu quero tambem ficar
Hoje em vosso poder.

7.^o

Voz amada por virtudes
De Deus. Virgem Maria
Vinde, contraria do Demonio
Livrai-nos de nossa morte.
Eu vos espero, Senhora
Vosso coração é bom,
E vós quereis aos nossos
Vinde, e lembrai-vos de mim.

8.^o

Aqui esta Deus comnosco,
Feito menino pequeno,
E tambem junto de vós
Os anjos que estão cantando.
A nós podem vossos olhos
Defender-nos do Demonio.

Vinde, Senhora, livrai-nos,
Não nos queimaremos no fogo.

9.^o

Do vosso ventre saiu
O filho do Padre Eterno.
Trazei-nos o vosso filho
Para o coração, mãi de Deus.
A minha alma vos adora
Minha Senhora, e vós pede,
Vinde cá para guardar-me
E comvosco o vosso filho.

10.^o (1)

Fez-se já nosso parente
É hoje nossos amores

(1) Falta na copia a traducçao dos primeiros quatro versos; o original diz:

Tupa cyramo ereico
Ipitangui moçâbuabo
Ejóri xe mogatuabo
Nde nuembyrano taico.

Elle falla tambem e ouve
E agora aqui o temos.

11.^o

Deus é nosso Pai,
Chamemo-lo, de coração,
Para que nos livre ás almas
E nos livre das maldades,
Vós, senhora, defendei-nos,
E tambem o vosso filho
Que sendo Santo dos Santos
Por nosso amor padecêo.

12.^o

Nossas almas estão pobres
Porque somos pecadores,
Vinde, tirar-nos do erro
Agora. Senhor, é tempo:
Os nossos corações todos
Vos damos a vós, Senhora;
E dai-nos vós a nós tambem
O vosso filho Jesus.

O DIALOGO DE LÉRY

1559...

Prefácio

Nasceu João de Léry em la-Margelle-Saint-Seine, na Borgonha, em França, em 1534. De seus começos apenas se sabe que era burguês, ou de apoucada fidalguia, e adoptara a religião reformada, tendo em Genebra seguido o ensino de Calvino. O proselytismo protestante, que desejara a conquista do Novo-Mundo, trouxe-o com uma leva de Francêses e Genebrenses ao Brasil, em 57, onde, no Rio de Janeiro receberam a acolhida de Villegaignon e as impressões dessa ephêmera França Antartica.

Aqui permaneceu um anno, tornando em fim de 58 á Europa, para, em Genebra, concluir os seus estudos de theologia, e receber á investidura de pastor evangelico. Após as perseguições religiosas que terminaram na tregua de Amboise, em 63 teria Léry paz para escrever a «*Histoire d'un voyage fait en la Terre du*

Bresil», impressa em 78, que teve exito, e numerosas edições, traduzida em latim em 86.

Paulo Gaffarel, sabio editor e annotador de uma das suas ultimas edições (Paris 1880) depõe que o appellidaram (foi Augusto Saint-Hilaire), com tanto espirito quanta razão, «o Montaigne dos viajantes»: não é pequena honra. Para nós é um dos nossos primeiros confiuentes, sobre a terra e a gente do Brasil, essa «Brasilographia» que começava a interessar ao mundo. Léry escreveu outros livros, teve outras aventuras, e morreu em Berna em 1611.

Na obra de Léry ha um capitulo (o XXI da edição francesa, XX da latina) que não é só impressão da terra e da gente, comparação ethica e ethnographica do autor, aventuras dos seus, descriptiva da natureza brasileira, portanto livro de viagem e de informação, mas um supposto colloquio entre selvagem e civilizado, nativo e estrangeiro, pretexto para mutuas expansões, conhecimentos, informações lexicas, tentativa de revelação de uma alma obscura por outra, que a trazia á civilização.

Baptista Caetano⁽¹⁾ ahi achou material phi-

⁽¹⁾ Apontamentos sobre o Abañoenga — in «Ensaio de Sciencia», t. II, Rio, Julho de 1876.

lologico, e atravez da graphia do viajante, e da prosodia assim deformada, conseguiu uma lição sobre o abañeenga (o guarany ou tupy dos Brasis) publicando comparativamente as versões francesa e latina, e a india de Léry, por elle rectificada, trabalho de muita consciencia e erudição.

Não sabemos se o dialogo já foi traduzido em português: fazemo-lo agora, procurando a exactidão, ora numa, ora noutra versão, e apenas achamos aqui materia literaria, tentada ainda no primeiro seculo. Nas nossas «Primeiras letras» o «Dialogo» faria falta. A leitura delle não será desinteressante e uma pagina só valerá a fadiga de quem nos acompanhar nessa exegese... é o estado mental que ao selvagem brasileiro empresta o viajante, como que uma prophecia, a tres seculos de distancia...

O Brasileiro de hoje não repudiará o Tupinambá de Léry. «Exultemos das gentes que nos procuram. O mundo é o nosso bem: elle é que nos dá os seus bens». É o entusiasmo pela terra, e pelo proprio valor. A velha civilização européia, quasi medieval até agora, se definiu naquelle personagem de Marcel Proust que dizia de si: «nós somos ainda alguns, para quem os meritos individuaes não contam». Só

valia a raça. Na livre America, só nós pessoas, contamos. Depomos que os nossos ascendentes—dos mais illustres povos da Historia—foram degredados, se não vamos sujar a estirpe com o Bugre e o Africano. Ora, esse estado de espirito do nosso nacionalismo já estava no indio de Léry: «Nada devemos aos nossos antepassados. Botei fora tudo que meu avô me deixou. Tenho-me por feliz dos bens que o mundo nos traz... troca melhor, que os nossos avós, nos sobreveio... É o que nos exime de tristeza». Este amor ao novo, ao importado, á moda, ao dos outros, ainda com os nomes de progresso e civilização, esse horror ao passado, á tradição, ás dividas da gratidão, isso é bem brasileiro, de todos os tempos, de hoje, e só esse primeiro documento valia a inclusão do «Dialogo» nas nossas «Primeiras Letras».

A. P.

V. Ayrosa. Apontamentos 19 ed. p. 44

COLLOQUIO DE ENTRADA OU CHEGADA
NA TERRA DO BRASIL ENTRE A
GENTE DO PAÍS CHAMADA
E TUPINIQUINS, EM LINGUAGEM (1)

TUPINAMBÁ — Vieste?

FRANCEZ — Sim, vim.

T. — Disseste bem. Como te chamas?

F — Ostra grande (2).

(1) Na versão latina de Léry diz-se «brasilicè ac latine conscriptum»; na francêsa «en langage sauvage et françois». Baptista Caetano além das tres versões comparadas — francesa, latina e tupy (de Léry), juntou a tupy rectificada por elle. Ao caracter de nossa publicação basta unicamente a versão nova portuguesa, feita pelas duas originaes de Léry, francesa e latina.

(2) Léry — oussou (Léry) = Yryry guassú (B. Caetano).

T. — Deixaste tua terra, para vir morar aqui?

F. — Sim.

T. — Vem, então, ver o logar que has de habitar.

F. — Está bem.

T. — Eis pois, meu filho (³), elle veio aqui, cuidando de nós! Trouxeste tuas caixas? (Compreendem por isso todos os cofres que servem para conter vestidos):

F. — Sim trouxe-as.

T. — Quantas? As que houver podem ser ennumeradas até cinco, assim um, dois, tres, quatro, cinco. Se tens duas não terás que ennumerar quatro ou cinco, basta dizer duas; se ha quatro, dirás quatro. E assim do mais. Porem se passarem de cinco será preciso que mostres pelos teus dedos e pelos dedos dos que estiverem perto de ti, até o numero que desejes indicar. (Elles não têm outra maneira de contar). Que coisas trouxeste nas tuas caixas?

F. — Roupas.

T. — De que especie, ou cor?

F. — Azues; vermelhas; amarellas; pretas;

(³) O dialogo é entre Léry e Tupinambá, mas ha assistentes, como se vê desta réplica.

verdes; de muitas cores; côr de pombo; brancas (entendem-se camisas).

T. — Que mais?

F. — Chapéus.

T. — Muitos?

F. — Tantos que se não podem ennumerar.

T. — É tudo?

F. — Não ou quasi (⁴).

T. — Diz e tudo.

F. — Espera um pouco.

T. — Ora, pois! Vamos... (⁵).

F. — Artelharia de fogo, como arcabuzes, grande e pequena (⁶). Polvora. Objectos para conter e guardar polvora.

T. — Quaes são.

F. — São de chifres de boi.

T. — Dizes bem. Que te darão por isso?

F. — Trouxe-os, para mim; sem pressa de me desfazer delles.

(⁴) Non ou nenni = Minimè (Léry).

(⁵) Or sus donques = age igitur (Léry).

(⁶) = *Mocap* (= *mbokab*: B. Caetano) Léry continua no texto, explicando «porque mocap significa qualquer especie de artelharia de fogo tanto grandes peças de navio, como outras. Parece ás vezes que elles pronunciam *bocap* e seria bom escrevendo esta palavra misturar *mb*».

T. — Hé! ⁽⁷⁾.

F. — Trouxe espadas de ferro.

T. — Não as posso ver.

F. — Um dia, com vagar.

T. — Não trouxeste foices ⁽⁸⁾.

F. — Trouxe.

T. — São bonitas?

F. — São bôas.

T. — Quem as fez?

F. — O que conhecéis, que assim se chama, quem as fez.

T. — Está bem. Gostaria devê-las.

F. — Em outra occasião.

T. — Que seja agora!

F. — Espera ainda.

T. — Não trouxestes facas?

F. — Trouxe, com fartura.

T. — São facas com o cabo fendido.

F. — Não. Com o cabo branco e chato.

Tambem faquinhas. Anzões. «Alaïnes». Espelhos. Pentes. Collares e braceletes azues que não se

(7) Léry ajunta: «É uma interjeição que têm por habito, quando, pensando no que ouvem, querem responder, mas se calam para não serem importunos».

(8) Léry: serpes à heuses = falces.

veem frequentemente: são os mais bonitos que se podem ver, desde que andamos por aqui.

T. — Abre tua caixa, para eu ver tuas coisas...

F. — Não posso agora. Mostrarei um destes dias quando nos encontrarmos de novo.

T. — Não te trarei tambem alguma coisa?

F. — Que queres trazer?

T. — Não sei. E tú?

F. — Bichos, passarinhos, peixes, farinha, nabos ⁽⁹⁾, favas grandes e pequenas, maracujás ⁽¹⁰⁾, muitas, todas as coisas.

T. — Que especie de caça tens vontade de comer?

F. — Não quero as da terra ⁽¹¹⁾.

T. — Eu vou te dizer.

F. — Dize ⁽¹²⁾.

T. — Anta ⁽¹³⁾, veado, caetetú ⁽¹⁴⁾, cotaia ⁽¹⁵⁾, paca ⁽¹⁶⁾, tapite ⁽¹⁷⁾.

(9) Léry: nauaux = rapas. (10) Léry: oranges et citrons = aurea et citrea mala = margouia ouassou = (B. Caetano) mbarakujá guasú. (11) Léry: Je ne veux de celles de ce pay = nolo e a comedere quœ hic proueniunt. (12) Léry: or là = age vero. (13) = Tapiroussou = tapiirussú (B. Caetano). Léry ajunta: bicho que elles chamam assim, meio asno, meio vaca. (14) Léry: sanglier du pays = aper

T. — Dize-me as aves.

T. — Jacú (¹⁸), mutum (¹⁹), macuco (²⁰), nambú (²¹), grande e pequena, rôla (²²), grande e pequena.

F. — Ha bons peixes?

T. — Muitos. Barbos (²³), sargos (²⁴), aca-

= taïasou = tâiñasú; o porco do mato, queixada, é chamado vulgarmente caetetú. (¹⁵) = agouti = akuti (B. Caetano). Léry ajunta: bicho ruivo, do tamanho de um leitão de tres semanas. (¹⁶) = pague = pag. (B. Caetano). Lévy descreve «é um bicho do tamanho de um porco de mês rajado de branco. (¹⁷) = ta-piiti (B. Caetano). Léry acrescenta: especie de lebre.

(¹⁸) = iacon = jakú (B. Caetano). Léry ajunta: é uma ave do tamanho de um capão, da apparencia de uma gallinha da Guiné, da qual ha tres especies jacutinga, jacupemba, jacúguassú, de muito bom gosto, ainda comparada a outras aves. (¹⁹) = mou-tou = mutu (B. Caetano). Léry acrescenta: pavão selvagem, do qual ha duas especies, preta e cinzenta, do tamanho de um pavão nosso (ave rara). (²⁰) = mócacouà = makaguâ (B. Caetano). Léry ajunta: é uma especie grande de perdiz, de corpo maior que o de um capão. (²¹) = inambou = inambú (B. Caetano). Léry diz ainda: é uma perdiz, a grande, quasi como o macuco; a pequena é quasi como as perdizes de França. (²²) = pegassou = apykasú (B. Caetano). Léry ajunta: tourterelle du pays; outra menor = paicanec = pykuî (B. Caetano). (²³) = kurema =

rás (²⁵), de varias especies, guarás (²⁶), cam-baropys (²⁷).

F. — Onde moras? (²⁸)

T. — Carioca (²⁹), Guiraguassú-ragué, Pira-câ, Irajá (³⁰), Itanã, Sarapuy, Queriy, Acarahy, Itaoca, Guararuã, Acuarussutiba, Ygaratum, Sapopemba (³¹), Araratiba, Isipotiba (³¹).

kurimá (B. Caetano). (²⁴) = parati. (²⁵) = acará guasú, acará Peb, acará pitang, acará mirim (B. Caetano). (²⁶) = guará. Lery ajunta: um grande peixe, de bom gosto. (²⁷) = kambaropy (B. Caetano). Diz Léry: um grande peixe.

(²⁸) Léry ajunta: «agora elle declina o nome do logar onde mora. (²⁹) = kariauk = kariog (B. Caetano). Léry diz a essa ennumeração: «são aldeias ao longo da costa ou á margem do rio *Geneure* (na versão latina este nome vem *Guanabara*. No começo do cap. VII, diz Léry: «ce bras de mer de rivière de Ganabara, ainsi appellée par les sauvages, & par les Portugalcis Geneure parce que comme on dit, ils la descouverirent le premier jour de ianvier, qu'ils moment ainsi), ao lado esquerdo, designados por seus proprios nomes: não sei de interpretação ou sentido que possam ter». De Sarapuy em diante diz: «são aldeias no mesmo «rio», do lado direito». De Acuarussutiba em diante nota: «as maiores aldeias, para dentro da terra, tanto de um como do outro lado. (³⁰) = Eira-já. (³¹) = Hapopemba. (³¹) Sepitiba? Finalmente conclue «e muitas outras que pelos na-

F. — Quantos grandes (homens) ha por aqui?

T. — Ha muitos.

F. — Diga-me alguns.

T. — Man ⁽³²⁾. I-Apurabog-pir ⁽³³⁾.

F. — Onde mora?

T. — Carioc-pe ⁽³⁴⁾, Mohang-i-guara ⁽³⁵⁾, Guyra-guasu ocarantim ⁽³⁶⁾, Tacuar-asú-tib-i-guara ⁽³⁷⁾, Oib-acang ⁽³⁸⁾, Hob-ij-anusu ⁽⁹⁾, Mburucujá guasú ⁽⁴⁰⁾, Moendy ⁽⁴¹⁾, Mbaracá-gua-

turaes se poderão conhecer, assim como os chefes de familias, reis presumiveis, que nellas moram, e, conhecendo-os, julgá-los. ⁽³²⁾ Léry diz: é palavra para chamar a attenção de a quem se quer falar. ⁽³³⁾ = nome de homem que significa cabeça meio raspada, ou onde não ha pêlos, diz Léry.

⁽³⁴⁾ Léry commenta: na aldeia assim chamada, do nome de um rio proximo, a significação é: casa de *karios*, composto de *karios* e *oc* que significa casa; *pe* é artigo do ablativo, que significa o logar que se deseja ou aonde se quer ir. ⁽³⁵⁾ Léry diz: Interpreta-se guarda das mezinhas ou que pertence á medicina. Elles usam propriamente quando querem chamar feiticeira a uma mulher, possuida de espirito mau, porque *mohang* é medicina, *iguara* que pertence; ⁽³⁶⁾ = Léry: «a grande pluma ou penna desta aldeia. ⁽³⁷⁾ Léry: aqui ha cannas grandes como juncos ou flechas. ⁽³⁸⁾ Léry: cabeça do logar. ⁽³⁹⁾ Léry: folha cahida de arvore. ⁽⁴⁰⁾ Maracujá grande. Diz

su ⁽⁴²⁾, Mbaenoem ⁽⁴³⁾, Karió-piar ⁽⁴⁴⁾. Estou muito contente porque vieste. Fica pois com o Senhor Nicolau ⁽⁴⁵⁾. Não trouxeste tua mulher?

F. — Tral-a-hei quando meus negocios se arranjarem.

T. — Quaes são teus diligencias.

F. — Casa para morar.

T. — Que especie de casa?

F. — Não sei ainda como devo fazê-la.

T. — Pensa, pois, como deves faze-la.

F. — Depois que vir tua terra e tua casa.

T. — Não habitarás com os teus, isto é, com os de tua terra?

F. — Porque m'o perguntas?

T. — Não e sem causa. Estou curioso, quiseria saber.

F. — Não odeiaes a nosso chefe, isto é o nosso velho?

Léry: grande limão ou laranja, assim chamado. ⁽⁴¹⁾

Léry: = chamma ou lingua de fogo. ⁽⁴²⁾ Grande maraca. Léry: grande campainha, ou sino. ⁽⁴³⁾ Léry:

«coisa meio sabida, da terra ou de outro logar».

⁽⁴⁴⁾ Léry: o caminho para ir aos *karios*. E finalmente conclue: «São nomes dos principaes do rio de Genevre e a arredores. (Na versão latina vem «qui fluvium Guanabarum incolunt».

⁽⁴⁵⁾ Léry ajunta: «assim chamavam elles a Villegaignon».

T. — Absolutamente. Se não é coisa reservada, devias dizer...

F. — É habito de bom pae conservar o que ama...

T. — ...Não irás á guerra brevemente?

F. — Irei havendo occasião. Como se chamam os vossos inimigos?

T. — Tobajara (⁴⁶), Guatahar (⁴⁷), Abá-anam (⁴⁸), Karaja (⁴⁹), Karijo (⁵⁰). Uns procuram

(⁴⁶) Léry vae commentando: «é uma nação que fala como elles e relacionada com os Portugueses;

(⁴⁷) «são verdadeiros selvagens, habitam entre os rios Mach-hé e Paraï»; (⁴⁸) «selvagens, ainda mais selvagens, que habitam entre as florestas e montanhas»;

(⁴⁹) «são povos mais nobres, mais ricos, tanto de viveres como de outras coisas, como nenhum dos nomeados»;

(⁵⁰) «são outra especie de gente, que habitam além dos Tabajaras, para os lados do rio da Prata, que têm a mesma lingua dos Tupinambás e Tupiniquins». Léry continua commentando: «A diferença das linguas ou linguagem da terra existe entre as nações nomeadas. Primeiramente Tupinambás, Tupiniquins, Tabajaras, Teureminons e Karijós falam a mesma lingua, pelo menos com pequenas diferenças. Os Carajás tem outra maneira de falar e obrar. Os Guatahar differem em tudo, tanto de uns como de outros. Os Aba-a-nam semelhantemente têm outro modo de falar e agir.

estes, outros aquelles (⁵¹), e por nosso beneficio (⁵²). Exultemos das gentes que nos procuram. O mundo é o nosso bem: elle é quem nos dá os seus bens. Guardemo-lo, assim: é que o tratamos de sorte que esteja contente connosco. Eis uma bella cousa que se offerece a nós. Pertençamos a este povo. Não lhes façamos ultrage, pois que nos dão seus haveres. Demos-lhes meios de viver. Trabalhemos para prear a caça para elles (⁵³). Concedamos-lhes todas as cousas que possamos lograr. Não tratemos mal áquelles que nos trazem seus bens (⁵⁴).

(⁵¹) Léry commenta: esta expressão *jandé*, um e outro é um dual de que usam os Gregos quando falam de dois: todavia aqui refere-se a nós. (⁵²) Começa aqui um curioso acto de fé nacionalista, autophilico e egocentrico, commun ás nações mais rudimentares e ás mais cultas. Em todo o caso talvez sejam as primeiras phrases ambiciosas e emphaticas — depois por quatro seculos tão communs,— atribuidas a brasileiros, antes mesmo de serem brasileiros. Depois a vaidade se abranda em bôas maneiras, de paiz que precisa de immigração e até se submette a ella... Tambem foi assim depois... Propheta, Léry! (⁵³) Lévy ajunta: «esta palavra *poraca* é especial para ir á pesca. Mas elles usam em qualquer industria de prear bichos e aves».

(⁵⁴) Continua o programma do nacionalismo sen-

Não sejais maus, meus rapazes. Para que tenhais bens. E que vossos filhos os tenham. Nada devemos aos nossos antepassados. Botei fora tudo que meu avô me deixou. Tenho-me por feliz dos bens que o mundo nos traz. Isso nossos paes quereriam ter visto e entretanto não viram. Ora eis que é bem assim, e, troca melhor que os nossos avós, nos sobreveio. É o que nos exime de tristeza. Que nos faz ter grandes roças. Não soffrem mais as criancinhas quando são tonsuradas⁽⁵⁵⁾. Levemos estes connosco contra nossos inimigos. Que levem seus arcabuzes, que trouxeram. Porque não serão elles poderosos? É uma nação impavida. Experimentemos o seu valor. São elles que vencem os outros, os Portuguezes. Assim digo⁽⁵⁶⁾. É verdade tudo o que disse. Tratemos juntos dos que nos procuram⁽⁵⁷⁾.

timental e alienismo economico, tambem propheticó. O que é só brasileiro, e não commum a outro povo, só nosso, é o desdem dos nossos antepassados... pensamos até agora como o selvagem de Léry...⁽⁵⁵⁾ Léry no texto francês emprega a expressão *enfanchonets* e explica «entendo por este diminutivo os filhos de nossos filhos».⁽⁵⁶⁾ = *comme disant* = quasi diceret (Léry).

⁽⁵⁷⁾ Léry: «entendem falar bem de nós, como a

F. — Ora pois, meu alliado⁽⁵⁸⁾.
 T. — De que falaremos?
 F. — De muitas e diversas coisas.
 T. — Como se chama o céu?
 F. — O céu.
 T. — Bem dito.
 F. — Bem dito.

T. — O céu. O sol. A lua. A grande estrella da manhã e da tarde (que se chama commumente Lucifer). As pequenas estrellas. A terra. O mar. A agua doce. Agua salgada. Agua que os maritimos chamam «sommaque». Pedra⁽⁵⁹⁾, solar de casa, cumieira da casa, travões da casa. Madeira de toda especie. Arco⁽⁶⁰⁾. O ar. Mau ar.

phrase o exige».⁽⁵⁸⁾ «Neste ponto, diz Léry, é de notar que as expressões *atour-assap* e *coton-assap* differem. O primeiro significa uma perfeita alliance entre elles e entre elles e nós, enquanto os bens são communs. Tambem que não podem haver a filha ou irmã do dito (alliado). Não assim o outro termo, maneira amavel de chamar alguem por outro nome que não o seu proprio, como tambem minha perna, meu olho, minha orelha ou outro semelhante.⁽⁵⁹⁾ = itá. Léry: «propriamente tomado por pedra. Tambem qualquer especie de metal, fundação de edificio, pilastra, cumieira, etc.

⁽⁶⁰⁾ Léry: «embora nome composto, que significa pão torto ou partido, todavia pronunciam *uirapar*,

Chuva. Tempo chuvoso. Trovão. Relampago. Nuvens, nevoeiro. Montanhas. Campos, sem elevações. Aldeias. Casa. Rio, agua corrente. Ilha. Mato. Mato em meio de um campo: capão. Nutrido no mato. Caaguara, demonio de mato, que atrapalha tudo. Canôa ou igár⁽⁶²⁾. Rede de pescar⁽⁶³⁾, jequeá⁽⁶⁴⁾, jequí⁽⁶⁵⁾. Não digo mais. Fala-me de tua terra e tua casa.

F. — Dizes bem. Pergunta primeiro.

T. — Concedo. Como se chama tua terra e tua casa?

F. — Ruão⁽⁶⁶⁾.

T. — É uma grande aldeia⁽⁶⁷⁾?

por syncope». (61) Léry: *kaa paou*, B. Caetano *kaä-paum*. (62) Léry: barca de cortiça que contém 30 ou 40 homens, para combate. Assim chamam aos navios *igarusú*. (63) = *pysá-guasú* (B. Caetano). (64) Léry: grande nassa para pegar peixe. (65) Léry: diminutivo, serve quando as aguas são desviadas do seu curso. (66) Léry era de la-Margelle-Saint-Seine e esta afirmativa, de Ruão, permite a Thevet (*Histoire manuscrit de deux voyages faits aux Indes*) a suposição que o texto original deste dialogo não seja proprio, e sim de um dos seus companheiros, normando de origem, talvez e mesmo de Villegaignon, que escrevera um dicionario e dialogo na lingua tupi. Vd. p. 209, tomo II, da edição de Léry por Gaffarel a nota deste autor, que resumimos. (67) Léry: «elles não fazem diferença entre cidade e aldeia, pois que não têm cidades.

F. — Sim.

T. — Quantos principaes tendes.

F. — Sómente um.

T. — Seu nome?

F. — Henrique⁽⁶⁸⁾.

T. — Bonito nome. Porque não tendes muitos chefes? (69)

F. — Não temos mais. Desde o tempo de nossos avós.

T. — E vós outros estais satisfeitos?

F. — Somos contentes, estamos bem.

T. — E vosso chefe tambem?

F. — Tanto e mais. Tudo o que temos está ás suas ordens.

T. — Elle vai á guerra?

F. — Sim.

T. — Quantas cidades ou aldeias possuís?

F. — Mais do que posso dizer.

T. — Porque não me dizes os nomes?

F. — Seria muito comprido.

T. — O logar, de onde és, é bello?

F. — Bellissimo.

T. — Vossas casas são assim? Isto é, como as nossas?

(68) Léry ajunta: «foi no tempo do rei Henrique 2.º que a viagem se fez. (69) Léry commenta, só no texto francês: «rois commandans absolument».

F. — Ha grande diferença.

T. — Como são?

F. — Todas de pedra.

T. — Grandes?

F. — Muito grandes.

T. — Muito grandes, isto é, altas?

F. — Muito (70).

T. — Dentro é assim, como as daqui?

F. — Não!

T. — Dize-me as coisas do corpo.

F. — Ouve lá.

T. — Estou prompto.

F. — Minha cabeça, tua cabeça, sua cabeça, nossa cabeça, nossa cabeça, vossa cabeça (71), meu cabello, meu rosto, minhas orelhas. Minha testa. Meus olhos. Minha boca. Meu nariz. Minhas bochechas. Meu queixo, mi-

nha barba. Minha lingua. Meus dentes. Meu pESCOÇO ou collo. Meu peito. Minhas trazeiras. Meus lombos. Minhas espaduas. Minha garganta. Minha frente. Minhas nádegas. Meus braços. Meu punho. Minha mão. Meus dedos. Meu estomago ou figado. Meu ventre. Minhas virilhas. Meos peitos. minhas coxas. Meus joelhos. Meus cotovellos. Minhas pernas. Meus pés. As unhas de meus pés. As unhas de minhas mãos. Meu coração e pulmão. Minha alma e meu pensamento. Minha alma depois de sair do meu corpo. Partes pudendas (72). Entre elle, nós, vós, elles (73). Coisas que pertencem á casa e á cozinha. Accende o fogo. Apaga o fogo. Traze com que accender meu fogo. Cozinha o peixe. Assa-o. Ferve-o. Faze farinha. Faze vinho (74). Vae á fonte. Traze-me agua. Da-me de comer.

(70) = matino = ybaté rō (B. Caetano). Léry ajunta: «esta palavra vale mais que muito, pois elles a tomam por coisa admiravel. (71) Essa enumeração é pretexto para dar a terminologia indigena. Aqui Léry commenta: «para melhor entender esses pronomes, declararei de passagem somente as pessoas, do singular como do plural. Xe = che é a primeira pessoa que serve em toda maneira de falar, primitiva ou derivativa, possessiva ou outra. As outras pessoas tambem.

(72) Neste ponto Léry interrompe e acrescenta: «E por causa da brevidade, não farei outra definição. É de notar que a maior parte das coisas, escriptas ou falladas, poderiam ser chamadas sem ajuntar o pronome, da primeira, segunda, terceira pessoa, do singular como do plural». Cita-os então, os pronomes pessoaes, separadamente. (73) Léry ajunta: «Quanto á terceira pessoa do singular ahe é masculino! e para o feminino a neutro ae, sem aspiração. No plural au-ae é comum aos dois generos. (74) Léry diz: ou bebida assim

Vou lavar minhas mãos. Lavo minha bocca. Tenho vontade de comer. Não tenho appetite. Tenho sede. Tenho frio. Sinto calor, súo. Tenho febre. Estou triste ⁽⁷⁵⁾. Estou aborrecido por qualquer coisa. Estou maltratado, ou tratado inconvenientemente. Estou alegre. Estão caçoando commigo. Estou a meu gosto. Meu escravo. Meu criado. Os que são menores que eu e me servem. Meus pescadores, tanto de peixe como de outra coisa. Minha posse, mercadaria, movel, tudo o que me pertence. É obra minha. Minha guarda. O que é maior que eu ⁽⁷⁶⁾. Pae de familia hospitaleiro ⁽⁷⁷⁾. Poderoso na guerra ⁽⁷⁸⁾. Forte na guerra e em toda a parte ⁽⁷⁹⁾. Meu pai. Meu irmão mais velho. Meu irmão mais novo. Minha irmã. O filho de minha irmã. A filha de minha irmã. Minha tia. Minha mãe ⁽⁸⁰⁾. Companheira de minha mãe, tambem mulher de meu

chamada. ⁽⁷⁵⁾ Léry acrescenta, sobre triste = carouc = kaärú (B. Caetano): «todavia *carouc* significa a vespera, a tarde».

⁽⁷⁶⁾ Léry ajunta: «o que nós chamamos nosso Rei, Duque ou Príncipe». ⁽⁷⁷⁾ = moussacat = che mbosaká (B. Caetano). ⁽⁷⁸⁾ = querre-um bon = kyreibáb (B. Caetano). ⁽⁷⁹⁾ = tenten = tantan (B. Caetano). ⁽⁸⁰⁾ = aï. Léry ajunta: «diz-se tambem *che si*, minha mãe e ás mais das vezes falando della».

pae ⁽⁸¹⁾. Minha filha. Os filhos de meus filhos e filhas ⁽⁸²⁾. Eu sou, tu és, elle é. Nós somos, vois sois, elle são ⁽⁸³⁾. Nesse tempo. Eu estava então, tu estavas então, elle estava então, nós estavamos então, vos estaveis então, elle estava então, nós estavamos então, vos estaveis então, elle estava então (84). Eu o amei perfeitamente nesse tempo, mas, agora, absolutamente não ⁽⁸⁵⁾. Sêde, que elle seja. Que nós sejamos, que vos

⁽⁸¹⁾ = che siit = che syyr (B. Caetano). ⁽⁸²⁾ = che rememynon = che remi-menô (B. Caetano) Léry commenta: «é de notar que se chama pae ao tio. E semelhantemente o pae chama seus sobrinhos e sobrinhas, meu filho, minha filha». Sobre os verbos prossegue: «O que os grammaticos chamam verbo pode ser dito em nossa lingua palavra e em lingua brasiliaca *gnengave* (ñeêngáb: B. Caetano), que significa maneira de dizer. Para melhor comprehensão vão alguns exemplos. Indicativo ou demonstrativo». Seguem-se os exemplos do texto. ⁽⁸³⁾ Léry commenta: «a 3.^a pessoa do singular e do plural são semelhantes, apenas ajoutando a este *au-ae* (Haë-baë B. Caetano), que é o pronome *elles*. ⁽⁸⁴⁾ Diz Léry: «no preterito imperfeito e não de todo passado, porque pode ser ainda o que era então, resolve-se pelo adverbio: *aquoémé* = (akoiramo B. Caetano) nesse tempo».

⁽⁸⁵⁾ Léry continua: como dizendo elle devia muito a minha amizade durante o tempo em que o ama-

sejais, que elles sejam⁽⁸⁶⁾. Seria, de bom gosto⁽⁸⁷⁾. Que eu seja contigo⁽⁸⁸⁾. Estando eu⁽⁸⁹⁾. Eu venho ou vim, tu vens ou vieste, elle vem ou veiu, vos vimos ou viemos, vos vindes ou viestes, elles vêem ou vieram⁽⁹⁰⁾. Eu vinha então⁽⁹¹⁾. Eu venho, ou esteja ou fosse vindo nesse tempo⁽⁹²⁾. Ha muito tempo que eu

va. Porque se pode tornar.⁽⁸⁶⁾ Id.: Para o futuro A-iko irā, sereis adiante, seguindo outras pessoas, como acima tanto no singular, como no plural. Para ordenar, o Imperativo. E para o futuro ajuntar apenas *creio*, como antes. Ordenando no presente será preciso dizer *tangē*, agora.⁽⁸⁷⁾ Id.: Para o desejo e o gosto que se tem em alguma coisa empregasse o optativo, continuando como antecedente.⁽⁸⁸⁾ Id. Para a coisa que se juntar conformemente e que nós chamamos Conjuntivo, resolve-se por um adverbio *yru* que significa com o que se quer juntar. E assim outros.⁽⁸⁹⁾ Id. O Particípio tirado do verbo. Não se emprega só, sem juntar os pronomes *che*, *nde* *äe* e no plural *oré*, *pée*, *häe*. O termo indefinido deste verbo pode ser tornado por infinitivo mas elles não o usam frequentemente.⁽⁹⁰⁾ Id. A declinação do verbo *aint*. Exemplo do indicativo ou demonstrativo no presente. Todavia em nossa linguagem tem duplo sentido, também de passado.⁽⁹¹⁾ Id. Para os outros tempos devem-se tomar os adverbios declarados. Nenhum verbo é declinado sem um adverbio, tanto no preterito, presente imperfeito, mais que perfeito indefinido, como no futuro ou tempo por vir.⁽⁹²⁾ Id.

vim⁽⁹³⁾. Eu virei certo dia⁽⁹⁴⁾. Vem⁽⁵⁾. Faço vir. Vinde⁽⁹⁶⁾. Eu quereria ou seria vindo de boa vontade⁽⁹⁷⁾. Que eu venha⁽⁹⁸⁾. Vindo⁽⁹⁹⁾. Como vindo eu encontrei o que outr'ora guardara⁽¹⁰⁰⁾. Sangue-suga. Cornetas de madeira que os indios assopram⁽¹⁰¹⁾.

(Fim do colloquio)

Exemplo de preterito perfeito, e de todo realizado.

⁽⁹³⁾ Lévy commenta: «Os tempos podem ser antes indefinidos, tanto aqui como falando». ⁽⁹⁴⁾ Id. Exemplo de futuro ou tempo por vir. Também se pode dizer *vian* sem ajuntar *ne*, como a phrase o requeira. É de notar que ajuntando os adverbios convém repetir as pessoas, como no indicativo ou demonstrativo. ⁽⁹⁵⁾ Exemplo do imperativo. Apenas a 2.ª pessoa, porque nesta linguagem não ha 3.ª, que não se vê; mas se pode dizer, como adiante. ⁽⁹⁶⁾ Id. Pejori e pejó = vinde se applicam distintamente, o primeiro aos homens, os outros aos animaes, que elles chamam. ⁽⁹⁷⁾ Exemplo do optativo, que ordena como rogando, continua-se como no indicativo; ajuntando ao futuro o adverbio. ⁽⁹⁸⁾ Id. Exemplo de conjuntivo. Para dar melhor o sentido ajunta-se o adverbio *nein* para exhortar, incitar, pedir. ⁽⁹⁹⁾ Id. Não conheço deste verbo aqui, mas se forma um particípio. ⁽¹⁰⁰⁾ O colloquio termina-se assim... ⁽¹⁰⁾ = imby-a = mim by (B. Caetano).

Além disto, para que não só aquelles com os quaes passei e repassei o mar, mas ainda os que me viram na America (muitos podem viver até agora), maritimos ou outros que viajaram ou moraram no rio de «Geneure» ou Ganabara, sob o tropico de Capricornio, julguem melhor e mais promptamente das conversas que entretive acima, relativas ás coisas do paiz, quiz tambem particularmente em seu favor, após este colloquio ajuntar á parte o catalogo de 22 aldeias onde estive e que frequentei familiarmente entré os selvagens brasileiros. Sejam primeiramente as do lado esquierdo quando se entra ao dito rio. 1.^o Carioca 2.^o Yaborais. Chamam os Franceses esta segunda Pepíno, por causa de um navio que uma vez ahi carregou, cujo mestre tinha este nome. 3.^o Iramirim. Que os Franceses chamam Gosset, do nome de um interprete que ahi habitara. 4.^o Piraguassú. 5.^o Sapopemba. 6.^o Ygaranti (¹⁰²), bella aldeia. 7.^o Guyraguassu-ragué. 8.^o 9.^o 10 e 11 a Tentimen Cotyba. Upabún (¹⁰³). Sariguey. 12.^o Itá, chamada a Pedra pelos Franceses, por causa de um pequeno rochedo, com a forma de uma mó de moinho, a qual marcava o caminho para la ir.

(¹⁰²) Guaratiba? (¹⁰³) Estas tres ultimas B. Cae-

13 Ypeg. Assim chamada pelos Franceses porque ahi havia muitas cannas da India, a que os selvagens dão este nome. 14. Uma no caminho do qual, no mato, a primeira vez que a visitamos, para marcar o percurso, atiramos muitas flechas ao cimo de uma grande e grossa arvore secca, as quaes ahi ficaram, e que por isso chamamos «aldeia das flechas». Do lado direito: 15 Keriy. 16 Acaray (¹⁰⁴). 17 Maracuja assú. 18, 19, 20 Pindob-usú, Coruc, Piramú, na grande ilha. 21.^o Uma outra cujo nome nos escapa, entre Pindo-bussú e Piraniú na qual uma vez ajudei a comprar alguns prisioneiros. Ainda uma outra entre Coruc e Pindobussú, cujo nome esqueci. Em outra parte disse o que são essas aldeias e o feitio das casas.

tano regista os nomes selvagens com uma interrogação. (¹⁰⁴) Icarahy?

TROVAS INDIGENAS

Prefácio

Se a terra explica a gente, como nos ensinam os sabios de todos os tempos, não surpreenderá serem os Brasileiros tão dados á poesia e ao canto... Já o eram os aborígenes. Os nossos primeiros educadores, os Jesuitas, quiseram até, da tendencia, tirar proveito.

Diz Simão de Vasconcellos, «nenhuma outra satisfaz tanto a esta gente, como a doçura do canto: nella põem a felicidade humana. Chegou a ser opinião de Nobrega que era um dos meios com que podia converter-se a gentilidade do Brasil a doce harmonia do canto e por esta causa ordenou-se-lhe pussem em solfa as orações e documentos mais necessarios da nossa santa fé porque á volta da suavidade do canto entrasse em suas almas a intelligencia das cousas do céu ⁽¹⁾). Seria o milagre de Orphêu.

⁽¹⁾ Simão de Vasconcellos — *Chronica da Com-*

Gabriel Soares disse, dos Tamoyos: «são grandes componedores de cantigas de improviso, pelo que são muito estimados do gentio, por onde quer que vão »². E adiante, dos Tupinambás: «todos cantam por um tom e os musicos fazem motes de improviso e suas voltas que acabam no consoante do mote; um só diz a cantiga e os outros respondem com o fim do mote... Às vezes andam moças cantando entre elles, entre as quaes ha tambem mui grandes musicas e por isso estimadas »³. Fernão Cardim corrobora: «arremedam passaros, cobras e outros animaes, tudo trovado por comparações, para se incitarem a pelejar. Essas trovas fazem de repente, e as mulheres são insignes trovadoras »⁴. Portanto, poesia lirica, didatica, epica, e musas, de permeio aos cantores. O prestígio desses cantos e trovas devia ser quasi o

panhia de Jesus do Estado do Brasil — Rio, 1867, p. 67 (2.ª parte).

(²) Gabriel Soares de Souza — *Tratado descriptivo do Brasil em 1587* — Rev. Trim. do Inst. Historico, t. XIV, p. 84, Rio 1886.

(³) *Op. cit.*, p. 294.

(⁴) Fernão Cardim — *Narrativa Epistolar de uma viagem e missão jesuita, etc.* — Lisboa, 1847, p. 35.

de hoje, a gloria mais invejavel aos Brasileiros, porque, reata Gabriel Soares: entre este gentio... são mui estimados, e por onde quer que vão são bem agazálhados e muitos atravessaram já o sertão, por entre seus contrarios, sem lhe fazerem mal». Desses cantos quasi nada ficou, ou tão pouco, que é nada: reliquias, antes no sentido de resto, que de preciosidade. Duas estrophes de Montaigne, quatro quadrinhas recolhidas por Spix e Martius, tres cançõesinhas por Couto de Magalhães, algumas outras por Barboza Rodrigues...

Entretanto, esse nada, — como de um humilde fragmento de ósso se pode recompor o esqueleto e a apparencia de um ser anti-diluviano —, deixa perceber duas qualidades da poesia nacional, uma essencial, outra fortuita, ambas muito curiosas. Tem-se escripto bibliotecas sobre o «humour», especialidade britanica, segundo uns criticos sem profundezas psychologicas, que suppõem necessario o nascer na Gran-Bretanha ou ser de raça anglo-saxonica para se ter essa mistura de espirito e sensibilidade, esse leviano sorrir de coisas serias, que é o humorismo. Faguet demonstrou que o phemoneno é universal e apenas os idiotismos nacionaes reclamam privilegios ethnicos para o «sal

attico», a «ironia francesa», a «gracia espanhola», a «saudade portuguêsa», o «Gemüt tedesco», o «humour anglo-saxonio», tudo isto é commun a todos, sentimentos e idéas humanas, apenas com as cambiantes que as condições ambientes ajuntam ou modificam.

Ha humorismo por toda á parte, e o nosso existe, até nos mais broncos e mais humildes. Recolhendo de outra feita um punhado de trovas populares num livro, accenfuei, como «chiste e graça (5)», algumas de perfeito humorismo. Não se dirá que falte a esta, que devia ofender as mulheres numa de suas graças. Gandavo disse dellas, as mulheres indigenas: «prezam-se muito de seus cabellos e trazem-nos mui compridos, limpos e penteados e as mais dellas ennastratados *Prov. Santa Cruz CX, 47*». Pois bem, um trovador rude os desdenhou, sorrindo:

X

Não quero mulher que tenha
Cabello muito comprido
Que em matto de tiririca
Achar-me-ia perdido.

(5) Afranio Peixoto — *Trovas populares brasileiras*, Rio, 1919, p. 43.

Outro tem humorismo, á ingleza, a Swift, bem macabro, quando diz:

Quando me vires sem vida
Atira-me á selva escura
Que o tatú hade apressar-se
Em me dar a sepultura.

O tatú é necrophago e se banqueteia com esses despojos mortaes: a criação de irlandezinhos para o açougue, de feroz humorista anglo-saxonoi, não é mais tragica e ridicula que essa sepultura sonhada por um bronco Guaicurú.

Mas o caracter essencial de nossa poesia, a tristeza, propriamente tristeza da saudade, essa já se encontra na dos nossos aborigenes, em seus traços inconfundiveis.

Esta invocação á Lua Nova, cuja escuridão é mensageira e confidente dos desejos, vale por um poema:

Lua nova, os meus desejos
Na vossa presença estão
Levai-os ao meu amigo
Lá no fundo do sertão.
E lembranças, e saudades,

Minhas apenas, serão...
Fazei com que eu somente
Occupe o seu coração!

Esta é a saudade do que partiu, esta outra
é o aperto de coração do que vai partir:

Eu vou deixar-te, Andorinha...
Bem quisera te levar...
Se eu não morrer, algum dia,
Andorinha, serás minha,
Hei de vir a te buscar,
Se Deus quiser, Andorinha!

Menendez Pelayo escreveu uma sabia asseveração quando disse que o carácter da verdadeira poesia era de, ainda traduzida em prosa vulgar de outra língua, continuar emotiva. De facto, perdido o encanto de ritmo, da rima, das palavras aladas originais, talvez a novidade alegre da imagem, numa transposição para estrangeiros, só resiste a grande poesia: dizia isso de Henrique Heine, cujas traduções — «luar empalhado», para Theophilo Gautier — em qualquer língua são, por força, sempre luar, tanto têm poesia. Vêde se este encanto não mereceria ser um número do «Intermezzo»:

Ruda, Rudá
Juaka pinaié
Amâna reçaiçu...
Juaka pinaié,
Aiueté Cunhã
Puxuera Oikó
Ne manuara ce recé
Quaha caarúca pupé.

Couto de Magalhães ⁽⁶⁾ explica: «A jovem india que se sentia opprimida de saudades pela ausencia do amante naquellas perigrinações continuas em que a caça e a guerra traziam os guerreiros, a jovem india dizemos, devia dirigir-se a Rudá (divindade do amor) ao morrer do sol ou nascer da lua, e estendendo o braço na direcção em que suppunha que o amante devia estar, cantava:

«Oh Ruda, que estaes no céu, e que amais as chuvas... Rudá que estaes no céu... fazei que elle, o meu amigo, por mais mulheres que tenha as ache todas feias; fazei que elle se lembre de mim esta tarde quando o sol se esconder no poente...

Isto é poesia, e grande poesia, pois que a

⁽⁶⁾ *O Selvagem* — Rio, 1878, p. 140-2.

emoção lhe subsiste ainda empalhada na mediocre prosa de uma traducção.

Além de poesia, — saudosa e triste: este seria o caracter da nossa poesia. Um dos nossos poetas, e do mais bello engenho, Olavo Bilac, indagando das causas deste facto achou esta, imprevista: «Os poetas brasileiros são tristes, sim! Mas não porque sejam homens tristes, são tristes porque são poetas». «Todos os poetas são tristes».

Não é exacto; se o fôra, não se notaria a tristeza aos nossos; se ela chama a attenção, pelo menos será maior que a dos outros; e se esses não são mais «poetas», então ha que indagar porque são mais tristes.

Os poetas brasileiros são tristes porque são brasileiros. O Brasileiro é triste, ou mais triste que o Português, que já o era muito. São-no todos os povos nómades. Mudar, abandonando céu, terra, arvores, lar, amigos, o proprio coração, em busca da vida, alhures, onde tudo falta por muito tempo, até se refazer uma alma ou um hábito, pela conformidade, é se achar só por só, com a saudade, nome affectuoso da tristeza no isolamento. Se essa máqua tem voz, reproduz num rythmo melancolico o arrastamento da lembrança, até o bem ausente. A música, como a

poesia, dos Arabes, Berbéres, Ibéros, são monótonas e portanto tristes: é novidade um rasgo de selvageria, para recair sem demora no mesmo compasso lastimoso. Os mercadores Phenicios, os Judeus dos êxodos, os piratas Gregos, os coloniaes Romanos, fizeram um Mediterraneo triste, de onde se originou a universal e transplantada civilização heleno-latina, essencialmente triste. Veio dahi, e delles, o Christianismo, a mais triste das religiões.

No Brasil cresceram essas causas: o Indio erradio pela floresta, sem pouso certo, acossado pelos contrarios ou isolado em busca da pequena caça, na mata, deixava a saudade na sua taba, ou na sua rôde, e consigo levava a lembrança e a privação, bem tristes companheiras. O Africano, exilado e escravo, perseguido no trabalho sem descanso, não podia ser alegre: o sentimento da raça derivou na mestiçagem' dos filhos espúrios, ás vezes vendidos, como crias de alimarias, ou nas senzalas, numa hora de esquecimento, ao som de batuque e cantilenas tristonhas. O Português, degradado ou aventureiro, desterrado pela lei ou pela ambição, errante por mares, florestas e desertos, o sentido preso á idéa de volver um dia, afortunado, á terra saudosa, nunca, de animo deliberado, adoptou a

nossa, que não foi a sua: aqui sempre um estranho e um triste, quando muito distrahido pela labuta, até o dia almejado do regresso, quando chegava (⁷). Os que ficaram, mau grado do propósito ou desejo, e deixaram progenie, misturados áquelles outros, Indios e Africanos, deram isto, o Brasileiro, até agora, que ainda não é bem nosso, de raiz curta e sem apêgo, adubado por cultura e modos europeus, que vive para lá, como as plantas crescem todas para de onde lhes vem a luz.

E da Europa nos vem tudo: uma independencia sómente verbal, com quanto se affirme que é politica, deixou subsistir todos os nossos fundamentos e liames coloniaes. Mudamos apenas de donos... Havia um; temos vários agora. Usofrutuarios, quando tanto, desse immenso país, quando podem, todos o abandonam, sem pena, para volverem á outra patria maior. Os que aqui ficam têm lá o seu desejo, a sua

(⁷) O Pe. Nobrega não se cansou de repetir: «nenhum tem amor a esta terra: todos querem fazer em seu proveito... porque esperam de se ir...» «Não querem bem á terra pois têm sua affeição em Portugal...» (*Cartas Jesuiticas*, Rio 1886, ps. 97, 104). Ainda hoje os «Brasileiros» mais conhecidos do outro lado são os Portugueses que tornam...

ambição, a saudade de uma aspiração que muitos até desconhecem, consciente ou formulada: não podem amar, e ser felizes, portanto contentes, nesta terra, vazia e desaproveitada, que não merecemos, e é entretanto a nossa. Filhos de nomades e exilados, continuamos o fadario delles; dahi o nosso pessimismo, o geral descontentamento, a vaga tristeza que mora em todos os Brasileiros e que apenas alguns exprimem com mais sentimento, quando são pretas.

Como um homem triste poderia ser poeta alegre? Será para o dia, muito distante, se chegar, em que o Brasileiro, afeito e integrado na sua terra, viver della e para ella, lhe tiver amor, e por ella entusiasmo, gloria e orgulho, que dão direcção e alegria á vida, e ainda aos poetas, seres delicados e sensiveis, não fará saudosos e desesperados. O que é, porém, já era, e foi: o que será, pôde ser que seja outra coisa... Assim seja!

AFRANIO PEIXOTO.

ESTROPHES RECOLHIDAS
POR MICHEL MONTAIGNE (1)

(*Essais*, livre premier, chapitre XXI «Des cannibales».

I

Venham todos para a festa
Venham devorar um bravo!
A sorte da guerra é esta...

(1) Montaigne diz que por muito tempo teve a companhia de sujeito que, por dez ou doze annos, habitara o Novo Mundo, na regiāo «oū Vilegaignon print terre et qu'il surnoma la *France Antartique*». Por elle soube muito dos costumes dos nossos indios, e com elles tanto sympathisou, que o seu capitulo «Os Cannibaes» é talvez o antecedente de Rousseau, na idealizaō sociologica de dois seculos depois. Por elle soube tambem dessas estrophes citadas.

PRIMEIRAS LETRAS

De vocês já muito escravo
Comi... Musculos, sangue, coração
Próvem... a própria carne provarão... (2)

II

Cobrinha, um momento pára
Quero imitar teu primor
E fazer cintura rara
Para dar ao meu amor...
Que adorno sejas, somente,
De uma, a outra serpente... (3)

(2) Montaigne diz: tenho uma canção feita por um prisioneiro onde ha este trecho: «Qu'ils viennent hardiment trétois et s'assemblent pour disner de moy; car ils mangeront quant et quant leurs pères et leurs ayeux, qui ont servy d'aliment et de noutriture à mon corps: ces muscles, dit-il, cette chair et ces veines, ce sont les votres, pauvres fols que vous êtes; vous ne recognoissez pas que la substance des membres de vos ancêtres s'y tiennent encore. Savourez les bien, vous y trouverez le goust de votre chair». «Invençao, conclue elle, «qui ne sent aucunement la barbarie».

(3) Montaigne diz adiante: «além do trecho que acabo de citar de uma de suas canções guerreiras, tenho outra amorosa, que assim começa: «Couleuvre, arreste toy, arreste toy, conleuvre, afin que ma sœur tire sur le patron de ta peinture la façon et l'ou-

TROVAS RECOLHIDAS
POR SPIX E MARTIUS

(*Reise in Brasilien*, III Theil, Munchen,
1831 p. 1085.)

I

Nitio xa potar cunhang
Setuma sacai wáa;
Curumú ce maua mamane
Boia sacai majaué.

vrage d'un cordon que je puisse donner à m'amie: ainsi soit, en tout temps, ta beauté et ta disposiion, preferée a tous les autres serpens». Esta primeira estrophe, commenta elle em seguida, é o refrem de uma canção. «Ora, tenho bastante trato com as mu-sas para julgar isto, que não só nada ha ahi de barbáro, como é anacreontico». Que poeta nacional já mereceu tal elogio, e de tão alto?

PRIMEIRAS LETRAS

Nitiô xa potar cunhang
Sakiva-açu wáa;
Curumú ce monto-montoque
Tiririca majaué ⁽¹⁾.

Joaquim Norberto pôs em verso português ⁽²⁾:

Não quero mulher que tenha
As pernas bastante finas,
A medo que em mim se enrosquem
Como feras viperinas.

⁽¹⁾ Os sabios ethnographos e naturalistas traduziram em allemão:

Ich mag nicht Weib
Mit gar zu Schlanken Beinem;
Sonst würde ich um wickelt
Wie von einer dunnen Schlange.

Ich mag nicht Weib
Mit gar zu langen Karr
Sonst möchte es mich schneiden
Wie ein Gehag von Gneisslgras.

Destes versos tedescos, diz Silvio Romero (Hist. da Lit., vol. I, p. 79, 2.^a ed.), fez Eduardo Laemmert uma traduçâo verbum ad verbum e sobre ella Joaquim Norberto preparou a sua.

⁽²⁾ Revista Popular, Rio, 1859, p. 272.

TROVAS INDIGENAS

Tambem não quero que tenha
O cabello assaz comprido
Que em mattos de tiririca
Achar-me-ia perdido.

II

Scha manú ramaé curi
Tejerrú iaschió
Aiqué Caracara-i
Serapiró aramú curi.

Scha manú ramaé curi
Se mombôre caá puterpi
Aique Tatú membóca
Se jutü ma aramú curi ⁽³⁾.

⁽³⁾ Traducçâo de Spix e Martius (loc. cit.):

Wenn ich einst gestorben
Wolte du nicht weinen;
Da ist ja Caracará-i
Der wird mich beweinem.

Wenn ich einst gestorben
Wirf du mich in dem Wald
Da ist já das Armadill
Das wird mich begraben.

Joaquim Norberto põe, de passagem, reparo na graphia brasiliça dos autores allemâes: *xa* por *xe*, *setuma* por *cetyma*, etc.

PRIMEIRAS LETRAS

a versão de Joaquim Norberto é

Quando me vires sem vida
Ah! não chores não por mim
Deixa que o Caracará-i
Deplore meu triste fim.

Quando me vires sem vida
Atira-me á selva escura
Que o Tatú hade apressar-se
Em me dar a sepultura.

SPIX E MARTIUS attribuem estas trovas aos Guaicurús. Caracará-i é uma especie de gavião (*Polyborus Chimiango*, Wieill.), do qual esses indigenas se suppõem descendentes, como os Borôros, de Carlos von den Steinen, descendiam de araras vermelhas: o criador melhor lhes deploraria a morte. Quanto ao tatú, a idéa é macabra, attribuem-lhe a violação das sepulturas, a necrophagia, tanto valia melhor ser logo lançada á selva escura para tão triste fim.

CANÇÕES RECOLHIDAS
POR COUTO DE MAGALHÃES

(*O Selvagem*, Rio, 1898, p. 140-2).

I

Ruda, Rudá
Iuaka pinaié
Amâna reçaiçu
Iuaka pinaié
Aiueté Cunhã
Puxiuera Oikó
Ne manuara ce recé
Quaha caaruca pupé.

Traducção: Ó Ruda vos que nos ceus estaes e amais as chuvas... Vos que nos ceu estae... fazei com que elle (o amante) por mais mulherez que tenha as ache todas feias; fazei com que

elle se lembre de mim quando o sol se encobrir no poente (1).

II

INVOCAÇÃO À LUA CHEIA

Cairé, cairé nu
Manuára danú çanú
Eré ei, erú, cika
Piape amu
O manuara ce recé
Quaha pituna pupé.

Traducção: Couto de Magalhães diz que não entende os dois primeiros versos. Os ou-

(1) Um curioso me communica a seguinte versão:

Ruda, que no céu estaes,
E amais as chuvas e as cheias,
Fazei com que meu amigo,
Sempre o sentido commigo,
A todas as ache feias
As mulheres que lhes daes...
E quando o sol se deitar
Só em mim possa pensar!

etros diriam: «Eia, minha māi Lua, fazei chegar esta noite ao coração delle (o amante) a minha lembrança! (2)

III

INVOCAÇÃO À LUA NOVA

Catiti Catiti
Iamára notiá
Notiá iamára
E peju... (fulano)
Emu manuara
Ce recé (fulana)
Cuçu kui xa ikó
Ixé anhû i pia pora.

Traducção. «Não entendo, diz Couto de Magalhães o 3.º e 4.º versos; o 1.º e osulti-

(2) Talvez se podesse versificar:

Tu que andas, ó māe-Lua,
Onde a vista não alcança,
Ao meu amigo, esta noite,
Conduze a minha lembrança.

PRIMEIRAS LETRAS

mos dizem o seguinte: Lua Nova, Lua Nova!
Assoprai em fulano a minha lembrança; eis-me
aqui estou em vossa presença, fazei como eu
tão sómente occupe o seu coração (³).

TROVA RECOLHIDA

nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisbôa*, t. X, p. 241, dos Paravianos, do extremo Norte do Brasil.

Vánáxicarû xicaru priué-priué
Carimanarúe
Yacámená, yacámená
Aritarué, yacaménâ (¹).

(³) Talvez não fosse impropto versificar:

Lua nova, os meus desejos
Na vossa presença estão...
Levai-os ao meu amigo
Lá no fundo do sertão!

E lembranças, e saudades,
Minhas apenas, serão...
Fazei com que eu somente
Occupe seu coração!

(¹) Em quanto estamos sãos, é bom rir e beber, quando cahirmos doentes os cantos e risos cessarão». Ou, versificado:

Cada qual que ria e beba
Em quanto está forte e são
Pois quando ficar doente
Canto e risos cessarão.

Vd. Ferdinand Denis — «Une fête brésilienne célébré à Rouen em 1550» — Paris 1850, ps. 43-44.

Este autor cita tambem duas poesias selvagens, uma de Christovam Valente, outra recolhida por Monteiro Baena, que traem adaptação de sentimentos civilizados á lingua aborigene, certamente obra pia de algum missionario, antes que dos proprios indios.

Os do primeiro, «versos brasileiros com pensamento christão», são estes:

Tupan cy Angaturama
Santa Maria xe iara
Nde reça porauçubara
Xe recó catuaçama
Xe anga remiecará.

F. Denis cita ainda no cathecismo de A. de Araujo, de 1618, publicado em 1681, muitos trechos deste genero — (Op. cit., p. 42. Os do outro (citos tambem por Silvio Romero — (Op. cit., ps. 79-80, do «Ensaio Corographico sobre a Província do Pará», p. 130) são:

Itá camuti pupé
Neiassucana pitanguê
Puranga ité...
E Jesus e Santa Maria
Santa Maria caian puranga
Imembuira inauerá
Iuaté pupé
Sicou curussá.
Uassú pupé
Janga tu ana
Rerassú...
E Jesus e Santa Maria.

Traducção: «Em uma pia de pedra foi baptizado o menino Deus». «Santa Maria é uma mulher bonita; o seu filho é como ella; no alto céu está numa cruz grande para guardar a nossa alma».

Tambem do mesmo genero parecem estes recolhidos por Barboza Rodrigues (*Rev. Brasileira*, t. IX, 1881, ps. 44-58) e citados tambem por Silvio Romero (op. cit., p. 82):

Purgatorio porá etá
Uputare nemoessaua
Semué catu palhy
Anhangá supeuara

Upauana tecó puranga
Oike tecó pêssassu
Ianeara tecó ressé
Um umá tecó puranga.

Traducção: «Ensina-me, bom padre rezas com que possamos salvar nossas almas do purgatorio. A vida santa acabou-se e por vontade do bom Deus começa outra, isto é, a vida do trabalho».

CANÇÕES RECOLHIDAS
POR BARBOZA RODRIGUES

BARBOZA RODRIGUES no seu livro *Poranduba Amazonense ou Kochiyma-Uara Porandub*, 1872-1882, Rio 1890, p. 290-328, recolheu, além de mythos, lendas, cantigas de bailado, algumas canções menos dessaboridas que se podem lembrar:

I

Andira yurupari
Umucu ce ratá
Cururu mirá catu
U mundeca ce ratá.

Tradução. «O morcego é o demonio, apagou meu fogo; o sapo é gente bôa, accendeu meu fogo.

II

Mimica uachió icó
Murucuya putyra recé u putare (*bis*)
Ná! ná! ná!
Maa recé mimica uachió?
U putare macuyá putyra recé (*bis*)
Ná! ná! ná!

Tradução: A menina está chorando, por querer a flor de maracujá. Na! ná! ná! Porque a menina chora? Por querer a flor do maracujá. Ná! ná! ná!

III

Ya munhan moracé,
Uirachué? (*bis*)
Qua petuna rupi,
Uirachué.
— Chá çu ana ne suhy
Uirachué.
Ce retama queté
Uirachué.
— Maá queté taá re çu
Uirachué?

— Chá çu ara ce retame queté
Uirachué.
— Re cechare cinté iché
Uirachué?
Timaan cerá cacé ne peá pe
Uirachué?
Cha putare reté uaá indé
Uirachué.

Traduçāo: Vamos dansar, sabiá? Por esta noite, sabiá. Vou me embora de ti, sabiá. Para minha terra, sabiá. Para onde que vaes tu, sabiá? Vou-me embora para minha terra, sabiá. Tu me deixas então, sabiá? Não doe no teu coração, sabiá? Eu queria tanto que tu, sabiá!

IV

— Ya munhan moracé
Mandu çarará
Qua petuna rupi
Mandu çarará
-- Cuchiíma cha icó
Mandu çarará
Cha maan ten indé
Mandu çarará
Ayué taá re maan
Mandu çarará

Mahy taá re recó
Mandu çarará
— Cha manu ce peá ne recare
Mandu çarará
— Ce peá inti ne nacema
Mandu çarará
Çace catu ne peá pe
Mandu çarará.

Traduçāo: Vamos dansar, mandu çarará. Por esta noite, mandu çarará. Ha muito tempo aqui estou, mandu çarará. Sempre te vendo, mandu arará. Mesmo que tu visses, mandu çarará. Como que tu esfás, mandu çarará. Mandei meu coração te buscar, mandu çarará. Meu coração não te achou, mandu çarará. Doe bem, no teu coração, mandu çarará.

V

Curicana, curicana
Cerimaua curicana miri
Paraná pichuna uara
Cerá iné Tapayó nara?
Cerá iné ne retama
Curicana?
U yanáu ne putyra,
Curicana?
Inti curi re re uacema ne putyra
Curicana.

Çaceara re puitá
Curicana.
Re ne acema curi iché
Curicana.
Cha manu curi ne recé
Curicana.

Traducção: Curicana, Curicana, que creei
Curicanasinha, filha do rio Preto, serás tu fi-
lha de Tapajós? Será nelle tua terra, Curicana?
Tua flor fugiu, Curicana? Não acharás tua flor,
Curicana. Triste ficaste, Curicana? Tu me acha-
rás, Curicana. Morrerei por ti, Curicana.

VI

Cha nheen indé ce raru
Igarupaua rapepe,
Ce raru
Cha nheen raçó indé
Ce raru
Ne qui caua a pêpe
Ce raru.

Traducção: Eu digo a você me espere, no
caminho do porto, me espere. Eu digo que vou
você me espere, no punho de tua rête, me es-
pere.

VII

— Cha çu ana ne çuhí
Muiyui
— Cué catu re puitá
Muiyui
— Cha raçu mo indé ce irumo
Muiyui
Ce retama queté,
Muiyui
— Ça cêra re puitá,
Muiyui?
Té curi amo ara opé
Muiyui
Inti ramé chæ manu
Muiyui
Cha maan rain curi indé
Muiyui
Tupana putare ramé
Muiyui.

Traducção: — Vou deixar-te, andorinha. —
Estimo que fiques, andorinha. — Eu te levava,
andorinha, para minha terra, andorinha. — Tu
ficas triste, andorinha? — Até algum dia, ando-
rinha, e se eu não morrer, andorinha, eu ainda
te hei de ver, andorinha! Se Deus quiser, Ando-
rinha!

ÍNDICE

INDICE

CANTOS DE ANCHIETA — 1553...

Prefacio	9
Ao Santissimo Sacramento	23
Carta da Companhia de Jesus ao Sera-	
phico S. Francisco	33
Da Resurreição	38
De S. Mauricio	40
S. Ursula	46
Villa	52
Poesia	63
Cantos	65
Poesia	67
Poesia	72
Poesia	75
O pelote domingueiro	76
Recebimento que fizeram os indios de	
Guaraparim ao padre provincial Mar-	
çal Belliarte	92
Dansa de dez meninos	105
Assumpção	109

PRIMEIRAS LETRAS

Dia da Assumpção	112
Seis selvagens que dançam os Chatis .	115
Reritiba	120
Cantiga	124
Cantiga do sem ventura	126
Poesia	128
Outra poesia	132
Tupinambá	135
Dos mysterios do rosario de N. Senhora	137
Jesus na festa de S. Lourenço	143
Dança que se fez na procissão de S.	
Lourenço de 12 meninos	191
Poesia	196

O DIALOGO DE LÉRY — 1559...

Prefacio	205
Colloquio de entrada ou chegada na terra do Brasil entre a gente do país cha- mada e tupiniquins, em linguagem	209

TROVAS INDIGENAS

Prefacio	235
Estrophes recolhidas por Michel Mon- taigne	247
Trovas recolhidas por Spix e Martius .	249
Canções recolhidas por Couto de Maga- lhães	253
Trova recolhida	257
Canções recolhidas por Barboza Rodri- gues	260

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL,
(ALMANAK LAEMMERT)
R. D. MANOEL, 62—RIO DE JANEIRO
AOS 26 DE JUNHO DE 1923



